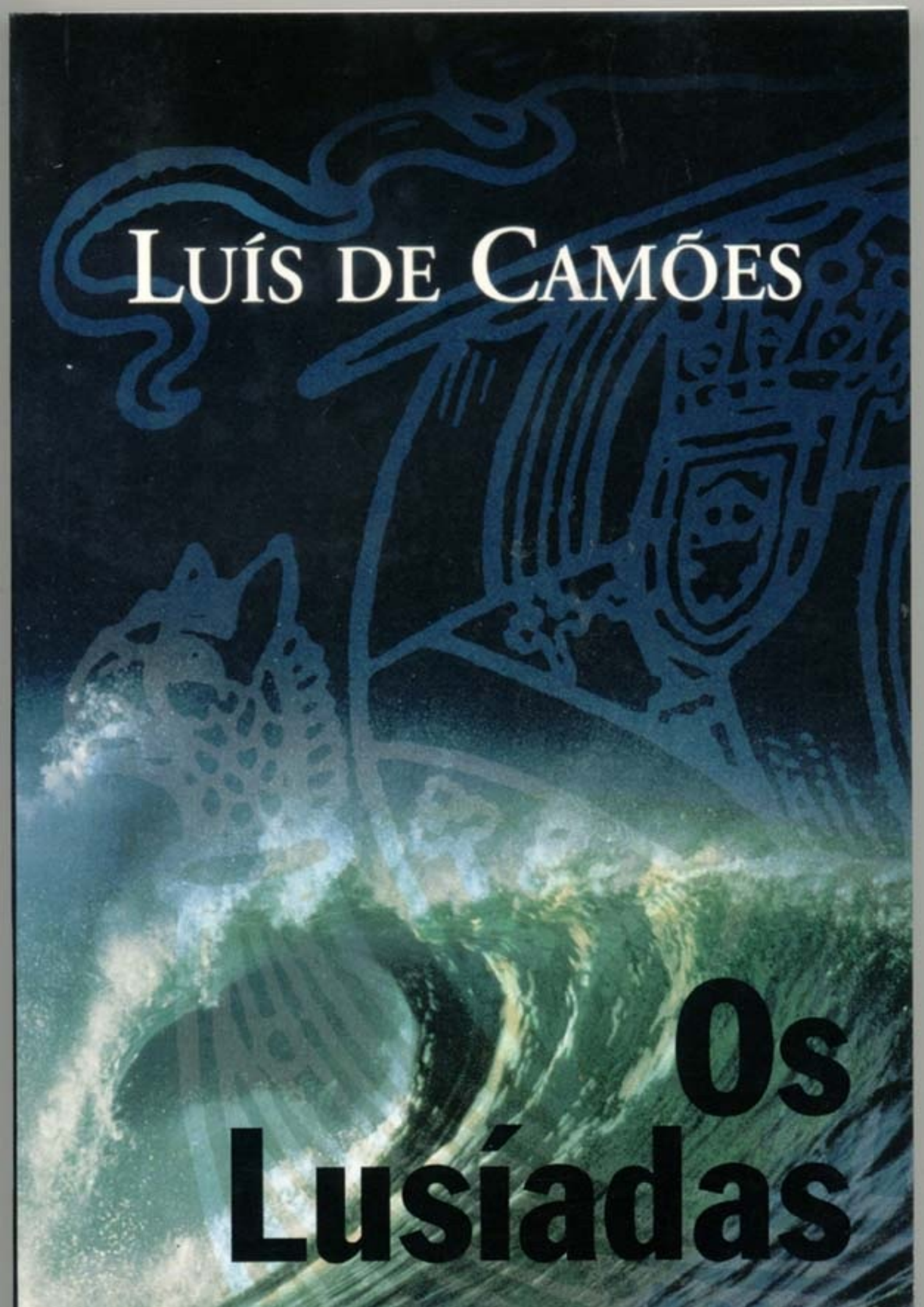




LUÍS DE CAMÕES

**Os
Lusíadas**

Fonte: CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Texto proveniente de:
<http://www.oslusiadas.com/> Acesso em 21 set. 2011.

Texto publicado originariamente em 1572.

Editoração eletrônica: Brasil ePub <www.brasilepub.com.br>. Este arquivo pode ser livremente distribuído, desde que citada a fonte da editoração eletrônica.

Luís Vaz de Camões nasceu, provavelmente, em Lisboa, em 1524, e faleceu em Lisboa, em 10 de junho de 1580.

Esta obra encontra-se, no Brasil, em domínio público, conforme art. 41 da Lei federal n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Canto I

1

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
 As navegações grandes que fizeram;
 Cale-se de Alexandro e de Trajano
 A fama das vitórias que tiveram;
 Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
 A quem Neptuno e Marte obedeceram:
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tágides minhas, pois criado
 Tendes em mim um novo engenho ardente,
 Se sempre em verso humilde celebrado
 Foi de mim vosso rio alegremente,
 Dai-me agora um som alto e sublimado,
 Um estilo grandíloquo e corrente,
 Porque de vossas águas, Febo ordene
 Que não tenham inveja às de Hipoerene.

Dai-me uma fúria grande e sonora,
 E não de agreste avena ou frauta ruda,
 Mas de tuba canora e belicosa,

Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande;

7

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada;
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que Ele para si na Cruz tomou)

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
 O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
 Vê-o também no meio do Hemisfério,
 E quando desce o deixa derradeiro;
 Vós, que esperamos jugo e vitupério
 Do torpe Ismaelita cavaleiro,
 Do Turco oriental, e do Gentio,
 Que inda bebe o licor do santo rio;

Inclinaí por um pouco a majestade,
 Que nesse tenro gesto vos contemplo,
 Que já se mostra qual na inteira idade,
 Quando subindo ireis ao eterno templo;
 Os olhos da real benignidade
 Ponde no chão: vereis um novo exemplo
 De amor dos pátrios feitos valerosos,
 Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da pátria, não movido
 De prémio vil, mas alto e quase eterno:

Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de til gente.

11

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro,

12

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei o ao Reino tal serviço,
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
A cítara para eles só cobiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,

Que para si de Eneias toma a fama.

13

Pois se a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro,
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

14

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
Fizeram, só por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

15

E enquanto eu estes canto, e a vós não posso,

Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras, e do Oriente os marços,

16

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o cerúleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

17

Em vós se vêm da olímpica morada
Dos dois avós as almas cá famosas,
Uma na paz angélica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;

E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

18

Mas enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

19

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas

20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via-Láctea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21

Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o Céu, a Terra, e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

22

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano.
Do rosto respirava um ar divino,

Que divino tornara um corpo humano;
Com uma coroa e ceptro rutilante,

23

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Precedem os antigos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Júpiter alto, assim dizendo,
C’um tom de voz começa, grave e horrendo:

24

“Eternos moradores do luzente
Estelífero pólo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25

“Já lhe foi (bem o vistes) concedido
C’um poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tão temido,
Sempre alcançou favor do Céu sereno.
Assim que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

26

“Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que coa gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram;
Também deixo a memória, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espírito divino.

27

“Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo

Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

28

“Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta Lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

29

“E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos.
E tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.”

30

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

31

Ouvido tinha aos Fados que viria
Uma gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória,
De que Nisa celebra inda a memória.

32

Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.

Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
D'água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses, que navegam.

33

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga tão amada sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

34

Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há de ser celebrada a clara Deia,
Onde a gente belígera se estende.
Assim que, um pela infâmia, que arreceia,
E o outro pelas honras, que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual Austro fero, ou Bóreas na espessura
 De silvestre arvoredos abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com ímpeto e braveza desmedida;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

Mas Marte, que da Deusa sustentava
 Entre todos as partes em porfia,
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia,
 De entre os Deuses em pé se levantava:
 Merencório no gesto parecia;
 O forte escudo ao colo pendurado
 Deitando para trás, medonho e irado,

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando um pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer, se pôs diante

De Júpiter, armado, forte e duro:
E dando uma pancada penetrante,
Com o conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

38

E disse assim: “Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece, que criaste,
Se esta gente, que busca outro hemisfério,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não onças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

39

“Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estômago danado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Céu deseja.

“E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação, que tens tomada,
 Não tornes por detrás, pois é fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercúrio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e à seta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da índia, e onde a gente se reforme.”

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentiu
 No que disse Mavorte valeroso,
 E néctar sobre todos esparziu.
 Pelo caminho Lácteo glorioso
 Logo cada um dos Deuses se partiu,
 Fazendo seus reais acatamentos,
 Para os determinados aposentos.

Enquanto isto se passa na formosa
 Casa etérea do Olimpo onipotente,

Cortava o mar a gente belicosa,
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deuses, que Tifeu
Com o temor grande em peixes converteu.

43

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o céu tinha por amigo:
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam,
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

44

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de ativo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece:

Por diante passar determinava;
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

45

Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa dela.
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que Lei, que Rei teriam?

46

As embarcações eram, na maneira,
Mui veloces, estreitas e compridas:
As velas, com que, vêm, eram de esteira
Dumas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Faeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado, o não prudente:
O Pado o sabe, o Lampetusa o sente.

47

De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados:
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Da cinta para cima vêm despidos;
Por armas têm adargas o terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonoros vão tocando.

48

Co'os panos e co'os braços acenavam
As gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto às ilhas amainassem.
A ,ente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem;
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da âncora, o mar ferido, em cima salta.

49

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia:
As mesas manda pôr em continente;

Do licor que Lieo prantado havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Faeton queimados nada enjeitam.

50

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
“Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

51

“Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

52

“E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele, o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais?”

53

“Somos, um dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles, que criou
A natura sem Lei e sem razão.
Nós temos a Lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abraão
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãe Hebréia teve, e o pai Gentio.
Informações. A Ilha de Moçambique.

54

“Esta ilha pequena, que habitamos,
em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos

De Quíloa, de Mombaça e de Sofala;
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

55

“E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Idaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessário vos proveja.”

56

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou,
Co’o carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo à irmã, que alumiasse
O largo mundo, enquanto repousasse.

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria, e não cuidada,
 Por acharem da terra tão remota
 Nova de tanto tempo desejada.
 Qualquer então consigo cuida e nota
 Na gente e na maneira desusada,
 E como os que na errada Seita creram,
 Tanto por todo o mundo se estenderam,

Da Lua os claros raios rutilavam
 Pelas argênteas ondas Neptuninas,
 As estrelas os Céus acompanhavam,
 Qual campo revestido de boninas;
 Os furiosos ventos repousavam
 Pelas covas escuras peregrinas;
 Porém da armada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

Mas assim como a Aurora marchetada
 Os formosos cabelos espalhou

No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiónio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das ilhas, que partia.

60

Partia alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas,
Que, os aposentos cáspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do Destino,
O Império tomaram a Constantino.

61

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda a sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;

E muito mais contente come e bebe.

62

Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje, e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dizia
“Se por ventura vinham de Turquia?”

63

E mais lhe diz também, que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito eu fé,
Para ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como Crê.
E porque tudo note e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

64

Responde o valeroso Capitão

Por um, que a língua escura bem sabia:

“Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação
De mim, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da Índia tão famosa.

65

A lei tenho daquele, a cujo império
Obedece o visível e invisível
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente, o todo o insensível;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insofrível,
E que do Céu à Terra, enfim desceu,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.

66

Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria;

Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.”

67

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vêm arneses, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagitíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

68

As bombas vêm de fogo, e juntamente
As panelas sulfúreas, tão danosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que dêem fogo às bombardas temerosas;
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode, e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

69

Porém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com olho atento
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade má de pensamento.
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho e ledó fingimento
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

70

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prémio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão danado,
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

71

Tamanho o ódio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros súbito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o Filho de David nos ensinou.

ó segredos daquela Eternidade,
A quem juízo algum nunca alcançou!
Que nunca falte um pérfido inimigo
Aqueles de quem foste tanto amigo!

72

Partiu-se Disto enfim coa companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledó a todos, e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento
Se foi o Mouro ao cógnito aposento.

73

Do claro assento etéreo o grão Tebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e avorrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído.
E enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

“Está do fado já determinado,
 Que tamanhas vitórias, tão famosas,
 Hajam os Portugueses alcançado
 Das Indianas gentes belicosas.
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de sofrer que o fado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

“Já quiseram os Deuses que tivesse
 O filho de Filipo nesta parte
 Tanto poder, que tudo submetesse
 Debaixo de seu jugo o fero Marte.
 Mas há-se de sofrer que o fado desse
 A tão poucos tamanho esforço e arte,
 Que eu co’o grão Macedónio, e o Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?

“Não será assim, porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricados

Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à Terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.”

77

Isto dizendo, irado e quase insano,
Sobre a terra africana descendeu,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido
Velho, sábio, e co’o Xequê mui válido.

78

E entrando assim a falar-lhe a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

“E também sei que tem determinado
De vir por água a terra muito cedo
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tensão danada nasce o medo.
Tu deves de ir também co’os teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão facilmente na cilada.

“E se inda não ficarem deste jeito
Destruídos, ou mortos totalmente

Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.”

82

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belígero aparelho,
Para que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água, que buscasse.

83

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto, e sábio em todo o dano,
De quem fiar-se possa um feito grande.
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares com ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante

Vá cair onde nunca se alevante.

84

Já o raio Apolíneo visitava
Os montes Nabatêos acendido,
Quando o Gama, colos seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração pressago nunca mente.

85

E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário;
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai como podia,
Em três batéis somente que trazia.

86

Mas os Mouros que andavam pela praia,

Por lhe defender a água desejada,
Um de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada.
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça,

87

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co'a hástia perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro.

88

Qual no corro sanguino o ledó amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada,
Mas o animal atroz, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,

Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata, e põe por terra:

89

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilharia,
A plúmbea péla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureiro.

90

Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas seguindo a vitória estrui e mata;
A povoação, sem muro e sem defesa,
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

91

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha e todo o mais desemparrando,
A terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço

92

Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Português enfim castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

93

Tornam vitoriosos para a armada,
Co' o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,

No ódio antigo mais que nunca acesa;
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

94

Pazes cometer manda arrependido
O Regedor daquela iníqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

95

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado;
E respondendo ao mensageiro a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

96

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda, e costas que passava.

97

Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativoiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara:
Dando razões dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98

E diz-lhe mais, com o falso pensamento
Com que Sinon os Frígios enganou:
Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antigo cristão sempre habitou.

O Capitão, que a tudo estava a tento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dádivas grandes lhe rogava,
Que o leve à terra onde esta gente estava.

99

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;
Que a ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

100

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Citere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada.
E com ventos contrários a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

Mas o malvado Mouro, não podendo
 Tal determinação levar avante,
 Outra maldade iníqua cometendo,
 Ainda em seu propósito constante,
 Lhe diz que, pois as águas discorrendo
 Os levaram por força por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente
 Eram Cristãos com Mouros juntamente.

Também nestas palavras lhe mentia,
 Como por regimento enfim levava,
 Que aqui gente de Cristo não havia,
 Mas a que a Mahamede celebrava.
 O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
 Virando as velas, a ilha demandava;
 Mas, não querendo a Deusa guardadora,
 Não entra pela barra, e surge fora.

Estava a ilha à terra tão chegada,
 Que um estreito pequeno a dividia;
 Uma cidade nela situada,

Que na frente do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora ao longe descobria,
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

104

E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledado, porque espera
De poder ver o povo batizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.

105

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos!
Ó caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Canto II

1

Já neste tempo o lúcido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo,
E da casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Noturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
As naus, que pouco havia que ancoraram.

2

Dentre eles um, que traz encomendado
O mortífero engano, assim dizia:
“Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessário reformar-te.

“E porque está em extremo desejoso
 De te ver, como cousa nomeada,
 Te roga que, de nada receoso,
 Entres a barra, tu com toda armada:
 E porque do caminho trabalhoso
 Trarás a gente débil e cansada,
 Diz que na terra podes reformá-la,
 Que a natureza obriga a desejá-la.

“E se buscando vás mercadoria
 Que produz o aurífero Levante,
 Canela, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutífera e prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rívido diamante,
 Daqui levarás tudo tão sobejo
 Com que faças o fim a teu desejo.”

Ao mensageiro o Capitão responde
 As palavras do Rei agradecendo:
 E diz que, porque o Sol no mar se esconde,

Não entra para dentro, obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

6

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Cristo cria.

Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

7

E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e por que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

E por estes ao Rei presentes manda,
Por que a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda;
A qual bem ao contrário em tudo estava.

Já a companhia pérfida e nefanda
Das naus se despedia e o mar cortava:
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

E depois que ao Rei apresentaram,
Co'o recado, os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaras
De lhes mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malícia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido

De duas mãos, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

11

Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura:
A cândida pombinha debuxada
Sobre a única Fénix, Virgem pura;
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das línguas que caíram,
De fogo, várias línguas referiram.

12

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu, e assim por derradeiro

O falso Deus adora o verdadeiro.

13

Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento,
Os dous Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas assim como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no rúbido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte,

14

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

15

Dizem-lhe os que mandou, que em terra

Sacras aras e sacerdote sinto; viram
Que ali se agasalharam o dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
Numa mostra tão clara e tão perfeita.

16

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente um ânimo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a presa desejada certa têm.

17

Na terra, cautamente aparelhavam
Armas e munições que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E, nesta treição determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,

E que incautos pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.

18

As âncoras tenaces vão levando
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como uma seta.

19

Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse

20

Já na água erguendo vão, com grande pressa,

Com as argênteas caudas branca espuma;
Cloto eo'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespas, em força suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

22

Põe-se a Deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de jeito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando.
Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forçando;

Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

23

Quais para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
A gente Portuguesa o fim nefando.

24

Torna para detrás a nau forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha;
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

26

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.

27

Assim como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando, o charco soa,

Por fugir do perigo que se sente,
E acolhendo-se ao coto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

28

Assim fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Também fuge, saltando na água amara.
Mas, por não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina.

29

Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assim dizia:

30

“Ó caso grande, estranho e não cuidado,
Ó milagre claríssimo e evidente,
Ó descoberto engano inopinado,
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?

31

“Bem nos mostra a divina Providência
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano nem prudência
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado!

32

“E se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas pérfida e malina,

Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.”

33

Ouviu-lhe essas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida,
Dentre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
Avante passa, e lá no sexto Céu,
Para onde estava o Padre, se moveu.

34

E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os Pólos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esfera fria.

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foi sempre amada e eriça,
 Se lhe apresenta assim como ao Troiano,
 Na selva Idea, já se apresentara.
 Se a vira o caçador, que o vulto humano
 Perdeu, vendo Diana na água clara,
 Nunca os famintos galgos o mataram,
 Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios d'ouro se esparziam
 Pelo colo, que a neve escurecia;
 Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
 Com quem Amor brincava, e não se via;
 Da alva petrina flamas lhe saíam,
 Onde o Menino as almas acendia;
 Pelas lisas colunas lhe trepavam
 Desejos, que como hera se enrolavam.

C'um delgado sendal as partes cobre,
 De quem vergonha é natural reparo,
 Porém nem tudo esconde, nem descobre,

O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda o dobre,
Lhe põe diante aquele objeto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

38

E mostrando no angélico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

39

“Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, para as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, afável e amoroso,
Posto que a algum contrário lhe pesasse;
Mas, pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baco determina;
Assentarei enfim que fui mofina.

“Este povo que é meu, por quem derramo
 As lágrimas que em vão caídas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo!
 Por ele a ti rogando choro e bramo,
 E contra minha dita enfim pelejo.
 Ora pois, porque o amo é mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

“Mas mouro enfim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui...” E nisto, de mimosa,
 O rosto banha em lágrimas ardentes,
 Como co’o orvalho fica a fresca rosa.
 Calada um pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a fala piedosa,
 Torna a segui-la; e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

E destas brandas mostras comovido,
 Que moveram de um tigre o peito duro,

Co’o vulto alegre, qual do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

43

E co’o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lágrimas aumenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrescente,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe está dizendo:

44

“Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente

Há-de fazer nas partes do Oriente.

45

“Que se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneias navegou
De Cila e de Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

46

“Fortalezas, cidades e altos muros,
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros,
Deles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da índia, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados;
E por eles, de tudo enfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

47

“Vereis este, que agora pressuroso

Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar dele Neptuno, de medroso
Sem vento suas águas encrespando.
Ó caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Ó gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos!

48

“Vereis a terra, que a água lhe tolhia,
Que inda há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

49

“E vereis o mar Roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado:

Que quem vai contra os vossos, claro veja

Que, se resiste, contra si peleja.

50

“Vereis a inexpugnável Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo.

Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo.

Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo:
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.

51

“Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co’os triunfos da gente vencedora.

Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os ídolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52

“Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cítara jamais cantou vitória,
Que assim mereça eterno nome e glória.

53

“Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Cítico e robusto
A vitória trazia, e presa rica,
Preso na Egípcia linda e nego pudica.

54

Como vereis o mar fervendo aceso
Colos incêndios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando.
E sujeita a rica Áurea Quersoneso,

Até ao longínquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

55

“De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangético mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados.”

56

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à Terra, por que tenha
Um pacífico porto o sossegado,
Para onde sem receio a frota venha;
E, para que em Mombaça, aventureado,
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostra
A terra, onde quieto repousasse.

57

Já pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pés à Terra desce;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado.
E desta arte a Melinde foi chegado.

58

Consigo a Fama leva, por que diga
Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co rumor famosíssimo, e perclaro.
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

59

Dali para Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Para que à gente mande que se aparte
Da barra amiga e terras suspeitosas:

Porque mui pouco val esforço e arte,
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val coração, astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

60

No feio caminho a noite tinha anelado,
E, as estrelas no Céu, coa luz alhea,
Tinham o largo Mundo alumiado;
E só co'o sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;

61

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: “Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fuge, que o vento, e o Céu te favorece;
Seren o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

“Não tens aqui senão aparelhado
 O hospício que o cru Diomedes dava,
 Fazendo ser manjar acostumado
 De cavalos a gente que hospedava;
 As aras de Busíris infamado,
 Onde os hóspedes tristes imolava,
 Terás certas aqui, se muito esperas.
 Fuge das gentes pérfidas e feras.

“Vai-te ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade,
 Lá quase junto donde o Sol ardendo
 Iguala o dia e noite em quantidade;
 Ali tua frota alegre recebendo
 Um Rei, com muitas obras de amizade,,
 Gasalhado seguro te daria,
 E, para a índia, certa e sábia guia.”

Isto Mercúrio disse, e o sono leva
 Ao Capitão, que com mui grande espanto
 Acorda, e vê ferida a escura treva

De uma súbita luz e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
Com novo espírito ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assopravam.

65

“Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.”

Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda;
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

66

Neste tempo, que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

Mas já as agudas proas apartando
 Iam as vias húmidas de argento;
 Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
 Com suave e seguro movimento.
 Nos perigos passados vão falando,
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em salvo escapa por acerto.

Tinha uma volta dado o Sol ardente
 E noutro começava, quando viram
 Ao longe deus navios, brandamente
 Co'os ventos navegando, que respiram:
 Porque haviam de ser da Maura gente,
 Para eles arribando, as velas viram:
 Um, de temor do mal que arreceava,
 Por se salvar a gente à costa dava.

Não é o outro que fica tão manhoso;
 Mas nas mãos vai cair do Lusitano,

Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que como fosse débil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e se a tivera,
Mais dano resistindo recebera.

70

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles há que lhe ensinasse
A que parte dos céus a Índia estava;
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde achará piloto certo.

71

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o assela por verdade,
Porque já lhe dissera, deste jeito,
Cileneu em sonhos; e partia

Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

72

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Febeia,
Quando um e outro corno lhe aqueitava,
E Flora derramava o de Amalteia:
A memória do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia,
Em que Aquele, a quem tudo está sujeito,
O selo pôs a quanto tinha feito;

73

Quando chegava a frota àquela parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte
Que bem mostra estimar o santo dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores o pandeiros,
E assim entravam ledos e guerreiros.

74

Enche-se toda a praia Melindana

Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

75

O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece:
E com verdadeiro ânimo e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.

76

São oferecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros,
E galinhas domésticas cevadas,

Com as frutas, que então na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.

77

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledado e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das águas mole cresce,
E como é fora delas se endurece.

78

Manda mais um, na prática elegante,
Que co' o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquele instante
De suas naus em terra o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

79

“Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

80

“Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

81

“Que geração tão dura há hi de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospício da deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente,

Que de tão pouca gente se arreceia?
Que com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

82

“Mas tu, e quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
E aquela certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,
A teu porto seguro navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.

83

“E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

84

“E porque é, de vassalos o exercício,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem.”

85

Assim dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estômago da gente,
Que tantos céus e mares vai passando.
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que é tão longe obedecido.

86

E com risonha vista e ledó aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
“Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;

Que vosso preço e obras são de jeito
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

87

“De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência;
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

88

“Porém, como a luz crástica chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, há tantos dias;
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.”

Isto disse; e nas águas se escondia
 O filho de Latona; e o mensageiro
 Coa embaixada alegre se partia
 Para a frota, no seu batel ligeiro.
 Enchem-se os peitos todos de alegria.
 Por terem o remédio verdadeiro
 Para acharem a terra que buscavam;
 E assim ledos a noite festejavam.

Não faltam ali os raios de artifício,
 Os trêmulos cometas imitando;
 Fazem os bombardeiros seu ofício,
 O céu, a terra e as ondas atroando.
 Mostra-se dos Ciclopas o exercício
 Nas bombas que de fogo estão queimando;
 Outros com vozes, com que o céu feriam,
 Instrumentos altíssimos tangiam.

Respondem-lhe da terra juntamente,
 Co'o raio volteando, com zunido;
 Anda em giros no ar a roda ardente,

Estoura o pó sulfúreo escondido.
A grita se alevanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra; e assim festeja
Um ao outro, a maneira de peleja.

92

Mas já o Céu inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãe de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

93

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaiaas,
Lustram os panos da tecida seda;
Em lugar das guerreiras azagaias
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De nobres e seu Reino e de senhores:
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes e primores;
 Na cabeça uma fota guarneçada
 De ouro, e de seda e de algodão tecida.

Cabaia de Damasco rico e dino,
 Da Tíria cor, entre eles estimada,
 Um colar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a matéria da obra é superada,
 C'um resplendor reluze adamantino;
 Na cinta, a rica bem lavrada;
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

Com um redondo emparo alto de seda,
 Numa alta e dourada hástia enxerido,

Um ministro à solar quentura veda.
Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

97

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus batéis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e lograda companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

98

De botões dourado as mangas vêm tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;

Pluma na gorra, um pouco declinada.

99

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta, que dá o múrice excelente,
A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do traje diferente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.

100

Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os batéis, o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiúdam-se os brados acendidos,
Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.

101

Já no batel entrou do Capitão

O Rei, que nos seus braços o levava;
Ele coa cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
C'umas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à índia vinha.

102

E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer, que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra.

103

E como por toda África se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino, onde as Hespéridas viveram;
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram,

E o mais que pela fama o Rei sabia.

Mas desta sorte o Gama respondia:

104

“Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares experimenta a fúria insana;
Aquela alta e divina Eternidade,
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

105

“Tu só, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, cio mar profundo;
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refúgio achamos bom, fido e jocundo.
Enquanto apascentar o largo Pólo
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.”

106

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas para o céu Vulcano fuzilando,
A frota coas bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

107

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
N'água o batel ligeiro que os levava,
Por falar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem notícia e faina.

108

Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes

De toda a Hespéria última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos úmidos caminhos.

109

“Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais distintamente;
E assim de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co’os sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de preço.

110

“E assim também nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios.
Que a nossa África ruda tem criado.
Conta: que agora vêm co’os áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem,
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

111

“E não menos co’o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há, que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos têm tão rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

112

“Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vã, o Olimpo claro e puro;
Tentou Pirítoo e Teseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho ilustre e duro,
Quanto foi cometer Inferno o Céu,
Que outrem cometa a fúria de Nereu.

113

“Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:

Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória.”

Canto III

1

Já neste tempo o lúcido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo,
E da casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Noturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
As naus, que pouco havia que ancoraram.

2

Dentre eles um, que traz encomendado
O mortífero engano, assim dizia:
“Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessário reformar-te.

3

“E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

4

“E se buscando vás mercadoria
Que produz o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.”

5

Ao mensageiro o Capitão responde
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo;

Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

6

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

7

E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e por que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

E por estes ao Rei presentes manda,
 Por que a boa vontade, que mostrava,
 Tenha firme, segura, limpa e branda;
 A qual bem ao contrário em tudo estava.

Já a companhia pérfida e nefanda
 Das naus se despedia e o mar cortava:
 Foram com gestos ledos e fingidos,
 Os dous da frota em terra recebidos.

E depois que ao Rei apresentaram,
 Co'o recado, os presentes que traziam,
 A cidade correram, e notaram
 Muito menos daquilo que queriam;
 Que os Mouros cautelosos se guardaras
 De lhes mostrarem tudo o que pediam:
 Que onde reina a malícia, está o receio,
 Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquele que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpétua, e foi nascido
 De duas mães, que urdia a falsidade

Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

11

Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura:
A cândida pombinha debuxada
Sobre a única Fénix, Virgem pura;
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das línguas que caíram,
De fogo, várias línguas referiram.

12

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu, e assim por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

Aqui foram de noite agasalhados,
 Com todo o bom e honesto tratamento,
 Os dous Cristãos, não vendo que enganados
 Os tinha o falso e santo fingimento.
 Mas assim como os raios espalhados
 Do Sol foram no mundo, e num momento
 Apareceu no rúbido horizonte
 Da moça de Titão a roxa fronte,

Tornam da terra os Mouros co'o recado
 Do Rei, para que entrassem, e consigo
 Os dous que o Capitão tinha mandado,
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
 E sendo o Português certificado
 De não haver receio de perigo,
 E que gente de Cristo em terra havia,
 Dentro no salso rio entrar queria.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra
 Sacras aras e sacerdote sinto; viram

Que ali se agasalharam o dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
Numa mostra tão clara e tão perfeita.

16

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente um ânimo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a presa desejada certa têm.

17

Na terra, cautamente aparelhavam
Armas e munições que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E, nesta treição determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que incautos pagassem deste jeito

O mal que em Moçambique tinham feito.

18

As âncoras tenaces vão levando
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas só ao vento dando
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como uma seta.

19

Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse

20

Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca espuma;

Cloto eo'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespas, em força suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

22

Põe-se a Deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de jeito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando.
Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,

E da barra inimiga a desviavam.

23

Quais para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
A gente Portuguesa o fim nefando.

24

Torna para detrás a nau forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se alevanta

No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha;
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

26

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.

27

Assim como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente,

E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

28

Assim fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Também foge, saltando na água amara.
Mas, por não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina.

29

Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assim dizia:

30

“Ó caso grande, estranho e não cuidado,
Ó milagre claríssimo e evidente,
Ó descoberto engano inopinado,
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?

31

“Bem nos mostra a divina Providência
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano nem prudência
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado!

32

“E se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas pérfida e malina,
Nalgum porto seguro de verdade

Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.”

33

Ouviu-lhe essas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida,
Dentre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
Avante passa, e lá no sexto Céu,
Para onde estava o Padre, se moveu.

34

E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os Pólos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esfera fria.

35

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e eriça,
Se lhe apresenta assim como ao Troiano,
Na selva Idea, já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

36

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Menino as almas acendia;
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

37

C'um delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo,
Porém nem tudo esconde, nem descobre,
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;

Mas, para que o desejo acenda o dobre,
Lhe põe diante aquele objeto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

38

E mostrando no angélico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

39

“Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, para as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, afável e amoroso,
Posto que a algum contrário lhe pesasse;
Mas, pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baco determina;
Assentarei enfim que fui mofina.

“Este povo que é meu, por quem derramo
 As lágrimas que em vão caídas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo!
 Por ele a ti rogando choro e bramo,
 E contra minha dita enfim pelejo.
 Ora pois, porque o amo é mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

“Mas mouro enfim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui...” E nisto, de mimosa,
 O rosto banha em lágrimas ardentes,
 Como co’o orvalho fica a fresca rosa.
 Calada um pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a fala piedosa,
 Torna a segui-la; e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

E destas brandas mostras comovido,
 Que moveram de um tigre o peito duro,
 Co’o vulto alegre, qual do Céu subido,

Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

43

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lágrimas aumenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrescente,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe está dizendo:

44

“Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente
Há-de fazer nas partes do Oriente.

“Que se o facundo Ulisses escapou
 De ser na Ogígia ilha eterno escravo,
 E se Antenor os seios penetrou
 Ilíricos e a fonte de Timavo;
 E se o piedoso Eneias navegou
 De Cila e de Caríbdis o mar bravo,
 Os vossos, mores cousas atentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

“Fortalezas, cidades e altos muros,
 Por eles vereis, filha, edificados;
 Os Turcos belacíssimos e duros,
 Deles sempre vereis desbaratados.
 Os Reis da índia, livres e seguros,
 Vereis ao Rei potente sojugados;
 E por eles, de tudo enfim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

“Vereis este, que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,

Tremer dele Neptuno, de medroso
Sem vento suas águas encrespando.
Ó caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Ó gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos!

48

“Vereis a terra, que a água lhe tolhia,
Que inda há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

49

“E vereis o mar Roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado:
Que quem vai contra os vossos, claro veja

Que, se resiste, contra si peleja.

50

“Vereis a inexpugnável Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo.

Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo.

Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo:
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.

51

“Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co’os triunfos da gente vencedora.

Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os ídolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52

“Vereis a fortaleza sustentar-se

De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cítara jamais cantou vitória,
Que assim mereça eterno nome e glória.

53

“Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Cítico e robusto
A vitória trazia, e presa rica,
Preso na Egípcia linda e nego pudica.

54

Como vereis o mar fervendo aceso
Colos incêndios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando.
E sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até ao longínquo China navegando,

E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

55

“De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangético mar ao Geditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados.”

56

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à Terra, por que tenha
Um pacífico porto o sossegado,
Para onde sem receio a frota venha;
E, para que em Mombaça, aventurado,
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostra
A terra, onde quieto repousasse.

57

Já pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pés à Terra desce;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado.
E desta arte a Melinde foi chegado.

58

Consigo a Fama leva, por que diga
Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co rumor famosíssimo, e perclaro.
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

59

Dali para Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Para que à gente mande que se aparte
Da barra amiga e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço e arte,

Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val coração, astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

60

No feio caminho a noite tinha anelado,
E, as estrelas no Céu, coa luz alhea,
Tinham o largo Mundo alumiado;
E só co'o sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;

61

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: “Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fuge, que o vento, e o Céu te favorece;
Serenos o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

62

“Não tens aqui senão aparelhado
O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes pérfidas e feras.

63

“Vai-te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quase junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali tua frota alegre recebendo
Um Rei, com muitas obras de amizade,,
Gasalhado seguro te daria,
E, para a índia, certa e sábia guia.”

64

Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De uma súbita luz e raio santo.

E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
Com novo espírito ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assopravam.

65

“Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.”

Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda;
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

66

Neste tempo, que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

Mas já as agudas proas apartando
 Iam as vias húmidas de argento;
 Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
 Com suave e seguro movimento.
 Nos perigos passados vão falando,
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em salvo escapa por acerto.

Tinha uma volta dado o Sol ardente
 E noutro começava, quando viram
 Ao longe deus navios, brandamente
 Co'os ventos navegando, que respiram:
 Porque haviam de ser da Maura gente,
 Para eles arribando, as velas viram:
 Um, de temor do mal que arreceava,
 Por se salvar a gente à costa dava.

Não é o outro que fica tão manhoso;
 Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,

E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que como fosse débil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e se a tivera,
Mais dano resistindo recebera.

70

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles há que lhe ensinasse
A que parte dos céus a Índia estava;
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde achará piloto certo.

71

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o assela por verdade,
Porque já lhe dissera, deste jeito,
Cileneu em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz Febeia,
 Quando um e outro corno lhe aqueitava,
 E Flora derramava o de Amalteia:
 A memória do dia renovava
 O pressuroso Sol, que o Céu rodeia,
 Em que Aquele, a quem tudo está sujeito,
 O selo pôs a quanto tinha feito;

Quando chegava a frota àquela parte,
 Onde o Reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e leda de arte
 Que bem mostra estimar o santo dia.
 Treme a bandeira, voa o estandarte,
 A cor purpúrea ao longe aparecia;
 Soam os atambores o pandeiros,
 E assim entravam ledos e guerreiros.

Enche-se toda a praia Melindana
 Da gente que vem ver a leda armada,

Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

75

O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece:
E com verdadeiro ânimo e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.

76

São oferecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros,
E galinhas domésticas cevadas,
Com as frutas, que então na terra havia;

E a vontade à dádiva excedia.

77

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledado e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das águas mole cresce,
E como é fora delas se endurece.

78

Manda mais um, na prática elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquele instante
De suas naus em terra o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

79

“Sublime Rei, a quem do Olimpo puro

Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

80

“Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

81

“Que geração tão dura há hi de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospício da deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?

Que com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

82

“Mas tu, e quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
E aquela certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,
A teu porto seguro navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.

83

“E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

84

“E porque é, de vassalos o exercício,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem.”

85

Assim dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estômago da gente,
Que tantos céus e mares vai passando.
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que é tão longe obedecido.

86

E com risonha vista e ledos aspeitos,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
“Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço e obras são de jeito

Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

87

“De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência;
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

88

“Porém, como a luz crástina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, há tantos dias;
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.”

89

Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Coa embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria.
Por terem o remédio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assim ledos a noite festejavam.

90

Não faltam ali os raios de artifício,
Os trêmulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu ofício,
O céu, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Ciclopas o exercício
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros com vozes, com que o céu feriam,
Instrumentos altíssimos tangiam.

91

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulfúreo escondido.

A grita se alevanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra; e assim festeja
Um ao outro, a maneira de peleja.

92

Mas já o Céu inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãe de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

93

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaiaas,
Lustram os panos da tecida seda;
Em lugar das guerreiras azagaiaas
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De nobres e seu Reino e de senhores:
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes e primores;
 Na cabeça uma fota guarnecida
 De ouro, e de seda e de algodão tecida.

Cabaia de Damasco rico e dino,
 Da Tíria cor, entre eles estimada,
 Um colar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a matéria da obra é superada,
 C'um resplendor reluze adamantino;
 Na cinta, a rica bem lavrada;
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

Com um redondo emparo alto de seda,
 Numa alta e dourada hástia enxerido,
 Um ministro à solar quentura veda.

Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssonos ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

97

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus batéis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e lograda companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

98

De botões dourado as mangas vêm tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;
Pluma na gorra, um pouco declinada.

Nos de sua companhia se mostrava
 Da tinta, que dá o múrice excelente,
 A vária cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo diferente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos, olhados juntamente,
 Qual aparece o arco rutilante
 Da bela Ninfa, filha de Taumante.

Sonoras trombetas incitavam
 Os ânimos alegres, ressoando;
 Dos Mouros os batéis, o mar coalhavam,
 Os toldos pelas águas arrojando;
 As bombardas horríssonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
 Amiúdam-se os brados acendidos,
 Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.

Já no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava;

Ele coa cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
C'umas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à índia vinha.

102

E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer, que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra.

103

E como por toda África se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino, onde as Hespéridas viveram;
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram,
E o mais que pela fama o Rei sabia.

Mas desta sorte o Gama respondia:

104

“Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares experimenta a fúria insana;
Aquela alta e divina Eternidade,
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

105

“Tu só, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, cio mar profundo;
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refúgio achamos bom, fido e jocundo.
Enquanto apascentar o largo Pólo
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.”

106

Isto dizendo, os barcos vão remando

Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas para o céu Vulcano fuzilando,
A frota coas bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

107

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
N'água o batel ligeiro que os levava,
Por falar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem notícia e faina.

108

Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespéria última, onde mora;

Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos úmidos caminhos.

109

“Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais distintamente;
E assim de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co’os sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de preço.

110

“E assim também nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios.
Que a nossa África ruda tem criado.
Conta: que agora vêm co’os áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem,
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

111

“E não menos co’o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há, que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos têm tão rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

112

“Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vã, o Olimpo claro e puro;
Tentou Pirítoo e Teseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho ilustre e duro,
Quanto foi cometer Inferno o Céu,
Que outrem cometa a fúria de Nereu.

113

“Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se também com tais obras nos engana

O desejo de um nome avantajado,
Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória.”

Canto IV

1

“Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assim no Reino forte aconteceu,
Depois que o Rei Fernando faleceu.

2

“Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joane, sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

3

“Ser isto ordenação dos céus divina,
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de uma menina,
Ante tempo falando o nomeou;
E como cousa enfim que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
- “Portugal! Portugal!” alçando a mão
Disse “pelo Rei novo, Dom João.” -

4

“Alteradas então do Reino as gentes
Co’o ódio, que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais (depois de viúva) manifesta.

5

“Mas ele enfim, com causa desonrado,
Diante dela a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre:

Quem, como Astianás, precipitado,
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

6

“Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma viu
Feitas do feroz Mário e do cruento
Sila, quando o contrário lhe fugiu.
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

7

“Beatriz era a filha, que casada
Co’o Castelhana está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lhe concede.
Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta para as guerras
De várias regiões e várias terras.

Vem de toda a província que de um Brigo
 (Se foi) já teve o nome derivado;
 Das terras que Fernando e que Rodrigo
 Ganharam do tirano e Mauro estado.
 Não estimam das armas o perigo
 Os que cortando vão co'o duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente
 C'os Mouros foi nas armas excelente.

“Os Vândalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntavam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquivir as águas lavam.
 A nobre Ilha também se apercebia,
 Que antigamente os Tírios habitavam,
 Trazendo por insígnias verdadeiras
 As Hercúleas colunas nas bandeiras.

“Também vem lá do Reino de Toledo,
 Cidade nobre e antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave e ledó

Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros também não tolhe o medo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando,
Que para resistirdes vos armastes,
Aqueles, cujos golpes já provasses.

11

“Também movem da guerra as negras fúrias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Astúrias,
Que com minas de ferro se enobrece,
Armou dele os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

12

“Joane, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Sansão Hebréio da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co’os poucos de seu Reino se aparelha;
E não porque conselho lhe falece,
Co’os principais senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças:
Que sempre houve entre muitos diferenças.

“Não falta com razões quem desconcerte
 Da opinião de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada e má deslealdade;
 Podendo o temor mais, gelado, inerte,
 Que a própria e natural fidelidade:
 Negam o Rei e a pátria, e, se convém,
 Negarão (como Pedro) o Deus que têm.

“Mas nunca foi que este erro se sentisse
 No forte Dom Nuno Alvares; mas antes,
 Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
 Reprovando as vontades inconstantes,
 Aquelas duvidosas gentes disse,
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada, irado, e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

- “Como! Da gente ilustre Portuguesa
 Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?,

Como! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?

16

- “Como! Não seis vós inda os descendentes
Daqueles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

17

- “Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho, sublimados,
Senão co’os vossos fortes pais, e avôs?
Pois se com seus descuidos, ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo:

Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

18

- “Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratasses.
E se com isto enfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

19

- “Eu só com meus vassalos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei (não só estes adversários)
Mas quantos a meu Rei forem contrários.”-

20

Bem como entre os mancebos recolhidos

Em Canúcio, relíquias sós de Canas,
Já para se entregar quase movidos
A fortuna das forças Africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as Romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar, ou nelas for perdida:

21

“Destarte a gente força e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando a boca aberta:
- “Viva o famoso Rei que nos liberta!”-

22

“Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;

Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

23

“Com toda esta lustrosa companhia
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.

Os primeiros armígeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientais exércitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Helesponto.

24

“Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos
Como já o fero Huno o foi primeiro
Para Franceses, para Italianos.
Outro também famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los, e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

25

“E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castelos o pendão,
Com Joane, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Alarte.

26

“Estavam pelos muros, temerosas,
E de um alegre medo quase frias,
Rezando as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das amigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem,
E todas grande dúvida concebem.

27

“Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores;
Alférezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo, que nas eiras

Ceres o fruto deixa aos lavradores,
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto,
Baco das uvas tira o doce mosto.

28

“Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
OuvIU-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso;
OuvIU-o o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terrível escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

29

“Quantos rostos ali se vêem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro amigo
Faz não sentir que é perda grande e rara,
Dos membros corporais, da vida cara.

“Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defesa da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba, e encontra, e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

31

“Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam;
Espedacam-se as lanças; e as frequentes
Quedas coas duras armas, tudo atroam;
Recrescem os amigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

32

“Eis ali seus irmãos contra ele vão,
(Caso feio e cruel!) mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta:

Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho!)
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.

33

“Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas pátrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns treedores houve algumas vezes.

34

“Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo leão,
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-no com as lanças, e ele iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

“Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrescem.
 Tal está o cavaleiro, que a verdura
 Tinge co’o sangue alheio; ali perecem
 Alguns dos seus, que o ânimo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

“Sentiu Joane a afronta que passava
 Nuno, que, como sábio capitão,
 Tudo corria e via, e a todos dava,
 Com presença e palavras, coração.
 Qual parida leoa, fera e brava,
 Que os filhos que no ninho sós estão,
 Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
 O pastor de Massília lhos furtara;

“Corre raivosa, e freme, e com bramidos
 Os montes Sete Irmãos atoa e abala:
 Tal Joane, com outros escolhidos

Dos seus, correndo acode à primeira ala:

-“Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

38

-“Vedes-me aqui, Rei vosso, e companheiro,

Que entre as lanças, e setas, e os arneses

Dos inimigos corro e vou primeiro:

Pelejai, verdadeiros Portugueses!”-

Isto disse o magnânimo guerreiro,

E, sopesando a lança quatro vezes,

Com força tira; e, deste único tiro,

Muitos lançaram o último suspiro.

39

“Porque eis os seus acesos novamente

Duma nobre vergonha e honroso fogo,

Sobre qual mais com ânimo valente

Perigos vencerá do Márcio jogo,

Porfiam: tinge o ferro o sangue ardente;

Rompem malhas primeiro, e peitos logo:

Assim recebem junto e dão feridas,

Como a quem já não dói perder as vidas.

“A muitos mandam ver o Estígio lago,
 Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
 O Mestre morre ali de Santiago,
 Que fortíssimamente pelejava;
 Morre também, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava;
 Os Pereiras também arrenegados
 Morrem, arrenegando o Céu e os fados.

“Muitos também do vulgo vil sem nome
 Vão, e também dos nobres, ao profundo,
 Onde o trifauce Cão perpétua fome
 Tem das almas que passam deste mundo.
 E porque mais aqui se amanse e dome
 A soberba do amigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

“Aqui a fera batalha se encruece
 Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;

A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas;
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado.

43

“O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra, e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

44

“Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas

Sem filhos, sem maridos, desditosas.

45

“O vencedor Joane esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória;
Com ofertas depois, e romarias,
As graças deu a quem lhe deu vitória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

46

“Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira
E de vários senhores num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.

47

“Destas e outras vitórias longamente

Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Depois que quis o Padre onipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
As duas ilustríssimas Inglesas,
Gentis, formosas, ínclitas princesas.

48

“Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter amigo já a quem faça dano;
E assim não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da Pátria, por fazer que o Africano
Conheça, pelas armas, quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

49

“Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Para onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa

Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

50

“Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas para defesa dos Lusitanos
Deixou, quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Inclita geração, altos Infantes.

51

“Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assim vai alternando o tempo iroso
O bem co’o mal, o gosto coa tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não ousou ela tanto desta lei.

52

“Viu ser cativo o santo irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita:
Mais o público bem que o seu respeita.

53

“Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, porque a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Espanha não temesse,
Ao cativoiro eterno se convida:
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leais fizeram tanto.

54

“Mas Afonso, do Reino único herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hespéria,
Que a soberba do bárbaro fronteira
Tornou em baixa e humílima miséria,
Fora por certo invicto cavaleiro,

Se não quisera ir ver a terra Ibéria.
Mas África dirá ser impossíbil
Poder ninguém vencer o Rei terríbil.

55

“Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que somente o Tiríntio colher pôde:
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitórias do Bárbaro, que acode
A defender Alcácer, forte vila,
Tângere populoso e a dura Arzila.

56

“Porém elas enfim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
As Portuguesas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dinas elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.

57

“Porém depois, tocado de ambição
E glória de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes dela,
Desde Cádiz ao alto Pireneu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

58

“Não quis ficar nos Reinos ocioso
O mancebo Joane, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-se enfim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento
Mas ficou duvidoso o vencimento.

59

“Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.

Desta arte foi vencido Octaviano,
E António vencedor, sem companheiro,
Quando daqueles que César mataram
Nos Filípicos campos se vingaram.

60

“Porém depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Céu sereno,
O Príncipe, que o Reino então governa,
Foi Joane segundo e Rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.

61

“Manda seus mensageiros, que passaram
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Parténope enterra a:
Nápoles, onde os Xados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola ilustrar no fim de tantos anos
Co’o senhorio de ínclitos Hispanos.

“Pelo mar alto Sículo navegam;
 Vão-se às praias de Rodes arenosas;
 E dali às ribeiras altas chegam,
 Que com morte de Magno são famosas;
 Vão a Mênfis e às terras, que se regam
 Das enchentes Nilóticas undosas;
 Sobem à Etiópia, sobre Egito,
 Que de Cristo lá guarda o santo rito.

“Passam também as ondas Eritreias,
 Que o povo de Israel sem nau passou;
 Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,
 Que o filho de Ismael co’o nome ornou.
 As costas odoríferas Sabeias,
 Que a mãe do belo Adónis tanto honrou,
 Cercam, com toda a Arábia descoberta
 Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

“Entram no estreito Pérsico, onde dura
 Da confusa Babel inda a memória;
 Ali co’o Tigre o Eufrates se mistura,

Que as fontes onde nascem tem por glória.

Dali vão em demanda da água pura,
Que causa inda será de larga história,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

65

“Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria.
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram enfim, e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tornaram.

66

“Parece que guardava o claro Céu
A Manuel, e seus merecimentos,
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos:
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo, corno tornou do Reino o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

“O qual, como do nobre pensamento
 Daquela obrigação, que lhe ficara
 De seus antepassados, (cujo intento
 Foi sempre acrescentar a terra cara)
 Não deixasse de ser um só momento
 Conquistado: no tempo que a luz clara
 Foge, e as estrelas nítidas, que saem,
 A repouso convidam quando caem,

“Estando já deitado no áureo leito,
 Onde imaginações mais certas são?
 Revolvendo contino no conceito
 Seu ofício e sangue a obrigação,
 Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
 Sem lhe desocupar o coração;
 Porque, tanto que lasso se adormece,
 Morfeu em várias formas lhe aparece.

“Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto, que tocava a prima Esfera,

Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos, longínquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

70

“Aves agrestes, feras e alimárias,
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o tracto às gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, desde Adão pecou aos nossos anos,
Não as romperam nunca pés humanos.

71

“Das águas se lhe antolha que saíam,
Para ele os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspecto, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabelos lhe caíam
Gotas, que o corpo vão banhando;
A cor da pele baça e denegrida,

A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

72

“Dambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha;
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha.
E assim a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

73

“Este, que era o mais grave na pessoa,
Destarte para o Rei de longe brada:
- “Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

74

- “Eu sou o ilustre Ganges, que na terra

Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo Rei que, nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês, porás o freio.”-

75

“Não disse mais o rio ilustre e santo,
Mas ambos desaparecem num momento.
Acorda Emanuel c’um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemisfério sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

76

“Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Para que com sublime coração

Vá a gente que mandar cortando os mares

A buscar novos climas, novos ares.

77

“Eu, que bem mal cuidava que em efeito

Se pusesse o que o peito me pedia,

Que sempre grandes cousas deste jeito

Pressago o coração me prometia,

Não sei por que razão, por que respeito,

Ou por que bom sinal que em mi se via,

Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave

Deste cometimento grande e grave.

78

“E com rogo o palavras amorosas,

Que é um mando nos Reis, que a mais obriga,

Me disse: — “As cousas árduas e lustrosas

Se alcançam com trabalho e com fadiga;

Faz as pessoas altas e famosas

A vida que se perde e que periga;

Que, quando ao medo infame não se rende,

Então, se menos dura, mais se estende.

79

- “Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve.”-
Não sofri mais, mas logo: — “Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

80

- “Imaginaí tamanhas aventuras,
Quais Euristeu a Alcides inventava,
O leão Cleoneu, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Descer enfim às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o espírito e a carne é pronta.”

81

“Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se oferece,

Obrigado d'amor e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

82

“Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor;
Ambos são de valia e de conselho,
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assim parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.

83

“Foram de Emanuel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos sucedessem.
Assim foram os Mínias ajuntados,
Para que o Véu dourado combatessem,
Na fatídica Nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxínio, aventureira.

84

“E já no porto da ínclita Ulisseia
C’um alvoroço nobre, e é um desejo,
(Onde o licor mistura e branca areia
Co’o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

85

“Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do inundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeam os aéreos estandartes;
Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas como a de Argos.

86

“Depois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.

Para o sumo Poder que a etérea corte
Sustenta só coa vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

87

“Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

88

“A gente da cidade aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós coa virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

“Em tão longo caminho e duvidoso
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres c’um choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavam;
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, acrescentavam
 A desesperarão, e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

“Qual vai dizendo: -” Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigério, e doce amparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará, penoso e amaro,
 Por que me deixas, mísera e mesquinha?
 Por que de mim te vás, ó filho caro,
 A fazer o funéreo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento!” -

“Qual em cabelo: -“Ó doce e amado esposo,
 Sem quem não quis Amor que viver possa,
 Por que is aventurar ao mar iroso

Essa vida que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?” -

92

“Nestas e outras palavras que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

93

“Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

“Mas um velho d’aspeito venerando,
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Três vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada um pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C’um saber só de experiências feito,
 Tais palavras tirou do experto peito:

- “Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
 Ó fraudulento gosto, que se atiça
 C’uma aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades neles experimentas!

- “Dura inquietação d’alma e da vida,
 Fonte de desamparos e adultérios,

Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

97

- “A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D’ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?

98

- “Mas ó tu, geração daquele insano,
Cujo pecado e desobediência,
Não somente do reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano
Da quieta e da simples inocência,
Idade d’ouro, tanto te privou,

Que na de ferro e d'armas te deitou:

99

- “Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidades
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá:

100

- “Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

101

- “Deixas criar às portas o inimigo,

Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?

102

- “Ó maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho!
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória.

103

- “Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu
Em mortes, em desonras (grande engano).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,

Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

104

- “Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande Arquiteto co’o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte, estranha condição!”

Canto V

1

“Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: “Boa viagem”, logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

2

“Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

3

“Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar e céu.

4

“Assim fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu;
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda; que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita.

5

“Passamos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assim se chama,
Das que nós povoamos, a primeira,
Mais célebre por nome que por fama:

Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe aventajam quantas Vénus ama,
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.

6

“Deixamos de Massília a estéril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas águas nunca gosta
Nem as ervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fruto enfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia,
Que aparta a Barbaria de Etiópia.

7

“Passamos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Climene a cor do dia.
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

“Passadas tendo já as Canárias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entramos, navegando, pelas filhas
Do velho Hespério, Hespérides chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas.
Ali tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

“Aquela ilha apartamos, que tomou
O nome do guerreiro Santiago,
Santo que os Espanhóis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornamos a cortar o imenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.

“Por aqui rodeando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente,
A província Jalofo, que reparte

Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambeia as águas bebe,
As quais o largo Atlântico recebe.

11

“As Dórcadas passamos, povoadas
Das Irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas três dum só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Netuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De bívoras encheste a ardente areia.

12

“Sempre enfim para o Austro a aguda proa
No grandíssimo gólfão nos metemos,
Deixando a serra aspérrima Leoa,
Co’o cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas que ali temos,
Ficou, com a Ilha ilustre que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.

“Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar enfim me alongo
Do conhecido pólo de Calisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

“Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo Hemisfério, nova estrela,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos estive incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante,
E, por falta de estrelas, menos bela,
Do Pólo fixo, onde ainda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

“Assim passando aquelas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,

Dois invernos fazendo e dois verões,
Enquanto corre dum ao outro Pólo,
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre f az no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Netuno.

16

“Contar-te longamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens não entendem:
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

17

“Os casos vi que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela aparência,
E que os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência,
Vêem do mundo os segredos escondidos,

Julgam por falsos, ou mal entendidos.

18

“Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e coisa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas águas do Oceano.

19

“Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
Daqui levado um cano ao pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da matéria das nuvens parecia.

20

“Ia-se pouco e pouco acrescentando

E mais que um largo masto se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se coas ondas ondeando:
Em cima dele uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co’o cargo grande d’água em si tomada.

21

“Qual roxa sanguessuga se veria
Nos beijos da alimária (que imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co’o sangue alheio a sede ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.

22

“Mas depois que de todo se fartou,
O pó que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo enfim voou,
Porque coa água a jacente água molhe:
As ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.

Vejam agora os sábios na escritura,
Que segredos são estes de Natura.

23

“Se os antigos filósofos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influência de signos e de estrelas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

24

“Mas já o Planeta que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea um marinheiro,
Pronto coa vista, “Terra! Terra!” brada.
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co’os olhos no horizonte do Oriente.

25

“A maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam;
As velas, já chegados, amainamos.
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,.
Pelo novo instrumento do Astrolábio,
Invenção de subtil juízo e sábio,

26

“Desembarcamos logo na espaçosa,
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver eousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo não pisou;
Porém eu co’os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

27

“Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,

Vejo um estranho vir de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

28

“Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelo
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

29

“Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente.
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo, e assim caminha
Para a povoação que perto tinha.

30

“Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva:
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.

31

“É Veloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co’o cuidado
No aventureiro, eis pelo monto duro
Aparece, e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

32

“O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, por que não se lhe escapasse;

Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

33

“Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

34

“E sendo já, Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da índia desejada
Que estarmos ainda muito longe dela;
E assim tornei a dar ao vento a vela.

“Disse então a Veloso um companheiro

(Começando-se todos a sorrir)

-“Ó lá, Veloso amigo, aquele outeiro

É melhor de descer que de subir.”

- “Sim, é, (responde o ousado aventureiro)

Mas quando eu para cá vi tantos vir

Daqueles cães, depressa um pouco vim,

Por me lembrar que estáveis cá sem

“Contou então que, tanto que passaram

Aquele monte, os negros de quem falo,

Avante mais passar o não deixaram,

Querendo, se não torna, ali matá-lo;

E tornando-se, logo se emboscaram,

Por que, saindo nós para tomá-lo,

Nos pudessem mandar ao reino escuro,

Por nos roubarem mais a seu seguro.

“Porém já cinco Sóis eram passados

Que dali nos partíramos, cortando

Os mares nunca doutrem navegados,

Prósperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

38

“Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo.
- “Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?” -

39

“Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

“Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rodes estranhíssimo Colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo:
 Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
 Que pareceu sair do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo
 A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

“E disse: — “Ó gente ousada, mais que quantas
 No mundo cometeram grandes cousas,
 Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados términos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
 Nunca arados d’estranho ou próprio lenho:

- “Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do úmido elemento,

A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mim, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra,
Que ainda hás de sojugar com dura guerra.

43

- “Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei d’improviso tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo.

44

- “Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu, suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
Da vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naus vereis cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,

Que o menor mal de todos seja a morte.

45

- “É do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

46

- “Outro também virá de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a formosa dama
Que Amor por grã mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará dum cru naufrágio vivos
Para verem trabalhos excessivos.

47

- “Verão morrer com fome os filhos caros,

Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
A calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

48

- “E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida e implacável espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e misérrima prisão.” -

49

“Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: — Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.-
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,

Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

50

- “Eu sou aquele oculto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que para o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

51

- “Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.

52

- “Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa.
Todas as Deusas desprezei do céu,
Só por amar das águas a princesa.
Um dia a vi coas filhas de Nereu
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que ainda não sinto coisa que mais queira.

53

- “Como fosse impossível alcançá-la
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Doris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mim lhe fala;
Mas ela, com um formoso riso honesto,
Respondeu: — “Qual será o amor bastante
De Ninfa que sustente o dum Gigante?

54

- “Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra, escuse o dano.”
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano,

(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.

55

- “Já néscio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis única despida:
Como doido corri de longe, abrindo
Os braços, para aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56

- “Ó que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei com um duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando com um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angélico apertava
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto dum penedo outro penedo.

57

- “Ó Ninfa, a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro inundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse,

58

- “Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos;
E por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a vários montes sotopostos:
E como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado inimigo
Por meus atrevimentos o castigo.

59

- “Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos sefizeram,
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam;

Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os Deuses, e por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.” -

60

“Assim contava, e com um medonho choro
Súbito diante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e com um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

61

“Já Flegon e Piróis vinham tirando
Com os outros dois o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ela abaixo um pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

“A gente que esta terra possuía,
 Posto que todos Etíopes eram,
 Mais humana no trato parecia
 Que os outros, que tão mal nos receberam.
 Com bailos e com festas de alegria
 Pela praia arenosa a nós vieram,
 As mulheres consigo e o manso gado
 Que apascentavam, gordo e bem criado.

“As mulheres queimadas vêm em cima
 Dos vagarosos bois, ali sentadas,
 Animais que eles têm em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas.
 Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
 Na sua língua cantam concertadas
 Com o doce som das rústicas avenas,
 Imitando de Títiro as Camenas.

“Estes, como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos trataram,
 Trazendo-nos galinhas e carneiros,

A troco doutras peças, que levaram.
Mas como nunca enfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos,
As velas dando, as âncoras levamos.

65

“Já aqui tínhamos dado um grã rodeio
A costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Céu, e o pólo Antartico ficava:
Aquele ilhéu deixamos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentório cabo, e descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

66

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças.
Colo mar um tempo andamos em porfias,
Que, como tudo nele são mudanças.
Corrente nele achamos tão possante
Que passar não deixava por diante.

“Era maior a força em demasia,
 Segundo para trás nos obrigava,
 Do mar, que contra nós ali corria,
 Que por nós a do vento que assoprava.

Injuriado Noto da porfia
 Em que colo mar (parece) tanto estava,
 Os assopros esforça iradamente,
 Com que nos fez vencer a grão corrente.

“Trazia o Sol o dia celebrado,
 Em que três Reis das partes do Oriente
 Foram buscar um Rei de pouco nado,
 No qual Rei outros três há juntamente.

Neste dia outro porto foi tomado
 Por nós, da mesma já contada gente,
 Num largo rio, ao qual o no e demos
 Do dia, em que por ele nos metemos.

“Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca água; mas contudo

Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No Povo, com nós outros quase mudo.
Ora vê, Rei, que tamanha terra andamos,
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte Oriental.

70

“Ora imagina agora coitados
Andaríamos todos, perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

71

“Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano.
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,
Que durara ele tanto obediente

Por ventura a seu Rei e a seu regente?

72

“Crês tu que já não foram levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo, estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela Portuguesa alta excelência
De lealdade firme, e obediência.

73

“Deixando o porto enfim do doce rio
E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada,
Que a costa faz ali daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

74

“Esta passada, logo o leve leme

Encomendado ao sacro Nicolau,
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina duma e doutra nau;
Quando indo o coração que espera e teme
E que tanto fiou dum fraco pau
Do que esperava já desesperado,
Foi duma novidade alvoroçado

75

“E foi que, estando já da costa perto,
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto,
Batéis à vela entravam e saíam.
Alegria muito grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas esperamos
De achar novas algumas, como achamos.

76

“Etíopes são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavam;
Palavra alguma Arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam;
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;

Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

77

“Pela Arábica língua, que mal falam,
E que Fernão Martins muito bem entende,
Dizem que por naus, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que lá donde sai o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente, assim como nós, da cor do dia.

78

“Muito grandemente aqui nos alegamos
Com a gente, e com as novas muito mais:
Pelos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Um padrão nesta terra alevantamos,
Que, para assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.

79

“Aqui de limos, cascas e d’ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpamos as naus, que dos caminhos
Longos do mar, vêm sórdidas e imundas.
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jocundas,
louvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

80

“Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura.
Assim no céu sereno se dispensa:
Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81

“E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia?

Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

82

“- Apodrecia com um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava;
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instructo,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

83

“Enfim que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre conosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

84

“Assim que, deste porto nos partirmos
Com maior esperança e maior tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum sinal de mais firmeza.
Na dura Moçambique enfim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

85

“Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste: e vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

86

“Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo inundo se estendessem?

Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que ainda hei de ver, a oitava parte?

87

“Esse que bebeu tanto da água Aónia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina:
Esse outro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz altíssima e divina
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tibre, com o som se ensoberbece;

88

Cantem , louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo Magis Circes, Polifemos,
Sirenas que com o canto os adormeçam;
Dêem-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cicones, e a torra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o Loto;
Dêem-lhe perder nas águas o piloto;

“Ventos soltos lhe finjam, e imaginem
 Dos odres e Calipsos namoradas;
 Harpias que o manjar lhe contaminem;
 Descer às sombras nuas já passadas:
 Que por muito e por muito que se afinem
 Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua e pura
 Vence toda grandíloqua escritura.”

Da boca do facundo Capitão
 Pendendo estavam todos embebidos,
 Quando deu fim à longa narração
 Dos altos feitos grandes e subidos.
 Louva o Rei o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
 Da gente louva a antiga fortaleza,
 A lealdade de ânimo e nobreza.

Vai recontando o povo, que se admira,
 O caso cada qual que mais notou;
 Nenhum deles da gente os olhos tira,

Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos Tétios braços;
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

92

Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

93

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Melcíades famosos
Temístoeles despertam só de inveja,
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas navegações que o mundo canta
 Não merecem tamanha glória e fama
 Como a sua, que o céu e a terra espanta.
 Si; mas aquele Herói, que estima e ama
 Com dons, mercês,. favores e honra tanta
 A lira Mantuana, faz que soe
 Eneias, e a Romana glória voe.

Dá a terra lusitana Cipiões,
 Césares, Alexandros, e dá Augustos;
 Mas não lhe dá contudo aqueles dois
 Cuja falta os faz duros e robustos.
 Octávio, entre as maiores opressões,
 Compunha versos doutos e venustos.
 Não dirá Fúlvia certo que é mentira,
 Quando a deixava António por Glafira,

Vai César, sojugando toda França,
 E as armas não lhe impedem a ciência;

Mas , numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
O que de Cipião se sabe e alcança,
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

97

Enfim, não houve forte capitão,
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega, ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque, quem não sabe arte, não na estima.

98

Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Virgílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias, nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,

Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

99

As Musas agradeça o nosso Gama
o Muito amor da Pátria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a ilustro e bélica fadiga:
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas dourado fino, e que o cantassem.

100

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o pressuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe enfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.

Canto IV

1

Não sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes;
Pesa-lhe que tão longe o aposentasse
Das Européias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abriu caminho.

2

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a polícia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia António alegre e engana
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

3

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento;
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4

Pede-lhe mais que aquele porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a tais barões seu reino e estado;
E que enquanto seu corpo o espírito reja,
Estará de contino aparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

5

Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, o logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.

No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assim caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

6

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do Sol, que nasce ardente;
Já quase seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhavam
A gente Lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

7

Via estar todo o Céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorvar, que destinado
Está doutro poder que tudo doma.
Do Olimpo desce enfim desesperado;
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no úmido reino, e vai-se à corte
Daquele a quem o mar caiu em sorte.

No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas saem furibundas,
 Quando às iras do vento o mar responde,
 Netuno mora, e moram as jocundas
 Nereidas, e outros Deuses do mar, onde
 As águas campo deixam às cidades,
 Que habitam estas úmidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto
 Das areias ali de prata fina;
 Torres altas se vêem no campo aberto
 Da transparente massa cristalina:
 Quanto se chegam mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se é cristal o que vê, se diamante,
 Que assim se mostra claro e radiante.

As portas dourado fino, e marchetadas
 Do rico aljôfar que nas conchas nasce,
 De escultura formosa estão lavradas,

Na qual o irado Baco a vista pasce;
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Caos a tão confusa face;
Vêem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos ofícios ocupados.

11

Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma matéria se sustinha;
Daqui as coisas vivas sempre anima,
Depois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele leve se sublima
O invisível Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

12

Estava a terra em montes revestida
De verdes ervas, e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
As alimárias nela produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das águas entre a terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte esculpida estava a guerra,
 Que tiveram os Deuses com os Gigantes;
 Está Tifeu debaixo da alta serra
 De Etna, que as flamas lança crepitantes;
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Netuno, quando as gentes ignorantes
 Dele o cavalo houveram, e a primeira
 De Minerva pacífica oliveira.

Pouca tardança faz Lieu irado
 Na vista destas coisas, mas entrando
 Nos paços de Netuno, que avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando,
 As portas o recebe, acompanhado
 Das Ninfas, que se estão maravilhando
 De ver que, cometendo tal caminho,
 Entre no reino d'água o Rei do vinho.

“Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
 De Baco nos teus reinos receberes,

Porque também com os grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseses;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos.”

16

Julgando já Netuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os Deuses da água fria,
Que o mar habitam duma e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

17

Os cabelos da barba, e os que descem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes d'água, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros misilhões, que ali se geram,
Na cabeça por gorra tinha posta

Uma muito grande casca de lagosta.

18

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Febe crescimento,
Ostras, e camarões do musgo sujos,
As costas com a casca os caramujos.

19

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força, já tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos Deuses para os paços caminhava
Do Deus, que fez os muros de Dardânia,
Destruídos depois da Grega insânia.

20

Vinha o padre Oceano acompanhado

Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara;
O profeta Proteu, deixando o gado
Marítimo pascer pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
De Netuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e Ieda no gesto, e tão formosa
Que se amansava o mar de maravilha.
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é para esconder-se.

22

Anfitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse;
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Com os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:

Ambas vêm pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas dum marido.

23

Aquela que das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo Infante,
No número dos Deuses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e às vezes pela areia
No colo o to a a bela Panopeia.

24

E o Deus que foi num tempo corpo humano,
E por virtude da erva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado com a formosa
Cila, que ele ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

25

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As Deusas em riquíssimos estrados,
Os Deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que com o Tebano tinha assento igual.
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arábia em cheiro passa.

26

Estando sossegado já o tumulto
Dos Deuses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Com o ferro alheio, fala desta sorte:

27

“Príncipe, que de juro senhoreias
Dum Pólo ao outro Pólo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias

O inundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assim permites
Que dentro vivam só de seus limites;

28

“E vós, Deuses do mar, que não sofreis
Injúria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?

29

“Vistes que com grandíssima ousadia
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e reino;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do mar e do Céu em poucos anos
Venham Deuses a ser, e nós humanos.

30

“Vedes agora a fraca geração
Que dum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma;
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

31

“Eu vi que contra os Mínias, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Bóreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assim sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

32

“E não consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de vós do céu descí,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi;

Que aquelas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33

“Que o grã Senhor e Fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam
O mal também a Deuses: que, a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

34

“E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.”
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades d’água em fogo.

A ira com que súbito alterado
 O coração dos Deuses foi num ponto,
 Não sofreu mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto.
 Ao grande Eolo mandam já recado
 Da parte de Netuno, que sem conto
 Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
 Que não haja no mar mais navegantes.

Bem quisera primeiro ali Proteu
 Dizer neste negócio o que sentia,
 E segundo o que a todos pareceu,
 Era alguma profunda profecia.
 Porém tanto o tumulto se moveu
 Súbito na divina companhia,
 Que Tethys indignada lhe bradou:
 “Netuno sabe bem o que mandou”.

Já lá o soberbo Hipótades soltava
 Do cárcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava

Contra os varões audazes e animosos.
Súbito o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

38

Enquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento sossegado prosseguia,
Pelo tranquilo mar, a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eôo Hemisfério está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

39

Vencidos vêm do sono, e mal despertos;
Bocejando a miúdo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Alas estregando, os membros estiravam;
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

“Com que melhor podemos, um dizia,
 Este tempo passar, que é tão pesado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o sono carregado?”

Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 “Que contos poderemos ter melhores,
 Para passar o tempo, que de amores?”

“Não é, disse Veloso, coisa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não sofre amores, nem delicadeza;
 Antes de guerra férvida e robusta
 A nossa história seja, pois dureza
 Nossa vida há de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho por vir me está dizendo.”

Consentem nisto todos, e encomendam
 A Veloso que conte isto que aprova.

“Contarei, disse, sem que me repreendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

43

“No tempo que do Reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Depois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínis dura e má cizânia,
Que lustre fosse a nossa Lusitânia.

44

“Entre as damas gentis da corte Inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia em ira acesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas

“E que se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia, ou morte crua.
A feminil fraqueza Pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

“Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas formosas e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

“Era este Inglês potente, e militara
Com os Portugueses já contra Castela,

Onde as forças magnânicas provara
Dos companheiros, e benigna estrela:
Não menos nesta terra experimentara
 Namorados afeitos, quando nela
 A filha viu, que tinto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

48

“Este, que socorrer-lhe não queria,
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: — “Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras Iberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que eles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

49

“E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
 Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também por vossa parto encarecidas
 Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio

Que ali tereis socorro e forte esteio.” -

50

“Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consertes,
Cada uma escreve ao seu por vários modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

51

“Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lhe sofre a Régia Majestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
F, só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

52

“Lá na leal Cidade, donde teve

Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavalos, e concertos de mil cores.

53

“Já do seu Rei tomado têm licença
Para partir do Douro celebrado
Aqueles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês experimentado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:

54

- “Fortíssimos consócios, eu desejo
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro o Tejo,
Várias gentes, e leis, e várias manhas.
Agora, que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as coisas são tamanhas)

Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

55

- “E quando caso for que eu impedido
Por quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o espírito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu convosco lá não seja.”

56

“Assim diz, e abraçados os amigos,
E tomada licença, enfim se parte:
Passa Lião, Castela, vendo antigos
Lugares, que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, com os altíssimos perigos
Do Perineu, que Espanha e Gália parte;
Vistas enfim de França as coisas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.

57

“Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias:
Mas dos onze a ilustríssima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias.
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e amimados.

58

“Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já com os doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se de elmos, grevas e de arneses:
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

59

“Mas aquela, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam, que acabado

Será o negócio assim na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois e três dos seus faleçam.

60

“Já num sublime e público teatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte:
Estavam três e três, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
De força, esforço e de ânimo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo, contra os onze Portugueses.

61

“Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios com feroz semblante;
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se num e noutro bando
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

62

“Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboião:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço.
Ao Rei e às damas fala, e logo se ia
Para os onze, que este era o grã Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

63

“A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegre, e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama:
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

64

“Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:

Qual do cavalo voa, que não desce;
Qual, com o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual com os penachos do elmo açouta as ancas.

65

“Algun dali tomou perpétuo sono
E fez da vida ao fim breve intervalo;
Correndo algum cavalo vai sem dono
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba Inglesa de seu trono,
Que dois ou três já fora vão do vale;
Os que de espada vêm fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha.

66

“Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo, com fábulas sonhadas.
Basta, por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas,
Com os nossos fica a palma da vitória,
E as damas vencedoras, e com glória.

“Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas e alegria;
 Cozinheiros ocupa e caçadores
 Das damas a formosa companhia,
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil cada hora e cada dia,
 Enquanto se detêm em Inglaterra,
 Até tornar à doce e cara terra.

“Mas dizem que, contudo, o grã Magriço,
 Desejoso de ver as coisas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde um serviço
 Notável à condessa fez de Frandes;
 E como quem não era já noviço
 Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
 Um Francês mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torcato e de Corvino.

“Outro também dos doze em Alemanha
 Se lança, e teve um fero desafio
 Com um Germano enganoso, que com manha

Não devida o quis pôr no extremo fio.”
Contando assim Veloso, já a companha
Lhe pede que não f aça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70

Mas, neste passo, assim prontos estando
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros duma e doutra banda;
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
“Alerta, disse, estai, que o vento cresce
Daquela nuvem negra que aparece.”

71

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela:
“Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela!”
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem; mas juntos dando nela,
Em pedaços a fazem, com um ruído
Que o mundo pareceu ser destruído.

O céu fere com gritos nisto a gente,
 Com súbito temor e desacordo,
 Que, no romper da vela, a nau pendente
 Toma grã suma d'água pelo bordo:
 “Alija, disse o mestre rijamente,
 Alija tudo ao mar; não falte acordo.
 Vão outros dar à bomba, não cessando;
 A bomba, que nos imos alagando!”

Correm logo os soldados animosos
 A dar à bomba; e, tanto que chegaram,
 Os balanços que os mares temerosos
 Deram à nau, num bordo os derribaram.
 Três marinheiros, duros e forçosos,
 A menear o leme não bastaram;
 Talhas lhe punham duma e doutra parte,
 Sem aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos eram tais, que não puderam
 Mostrar mais força do ímpeto cruel,

Se para derribar então vieram
A fortíssima torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que cresceram,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

75

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pelo meio.
Quase toda alagada: a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

76

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Netuno furibundo;
Agora a ver parece que desciam
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Aquilo queriam
Arruinar a máquina do mundo:
A noite negra e feia se alumia

Com os raios, em que o Pólo todo ardia.

77

As Alcióneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados entretanto
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar segui-os.

78

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grã ferreiro sórdido, que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grã Tonante arremessou
Relâmpagos ao mundo fulminantes,
No grã dilúvio, donde sós viveram
Os dois que em gente as pedras converteram.

79

Quantos montes, então, que derribaram

As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indinadas!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca para o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

80

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
Chama aquele remédio santo é forte,
Que o impossível pode, desta sorte:

81

“Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e terra senhoreias;
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias;
Tu, que livraste Paulo e o defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,

E guardaste com os filhos o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo;

82

“Se tenho novos modos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e baixos arenosos,
Outros Acroceráunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Por que somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

83

“Ó ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sostiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!”

84

Assim dizendo, os ventos que lutavam
Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam
Pela miúda enxárcia assoviando.
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o céu dos eixos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

85

Mas já a amorosa estrela cintilava
Diante do Sol claro, no Horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A densa que nos céus a governava,
De quem foge o ensífero Oriente,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

86

“Estas obras de Baco são, por certo,
Disse; mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mil a que se atreve.”
Isto dizendo, desce ao mar aberto,

No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

87

Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelo; louros à porfia.
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia?
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais formosas vinham que as estrelas.

88

Assim foi; porque, tanto que chegaram
A vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem.
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assim disse a belíssima Oritia:

89

“Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convém furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor contigo em medo se converte.”

90

Assim mesmo a formosa Galateia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

91

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo à linda Vénus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.

Ela lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas belas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leais esta viagem.

92

Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fora de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto Melindano:
“Terra é de Calecu, se não me engano.

93

“Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.”
Sofrer aqui não pode o Gama mais,
De ledor em ver que a terra se conhece:
Os geolhos no chão, as mãos ao céu,
A mercê grande a Deus agradeceu.

As graças a Deus dava, e razão tinha,
 Que não somente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho experimentava;

Mas via-se livrado tão asinha
 Da morte, que no mar lhe aparelhava
 O vento duro, fervido e medonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meio destes hórridos perigos,
 Destes trabalhos graves e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos
 As honras imortais e graus maiores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Moscóvia zebelinos;

Não com os manjares novos e esquisitos,
 Não com os passeios moles e ociosos,
 Não com os vários deleites e infinitos,

Que afeminam os peitos generosos,
Não com os nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heróica de virtude;

97

Mas com buscar com o seu forçoso braço
As honras, que ele chame próprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado com um árduo sofrimento;

98

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Destarte, o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

Destarte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, corno de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

Canto VII

1

Já se viam chegados junto à terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no céu terreno mora.
Ora, sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

2

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no inundo;
Não digo ainda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céu rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediência
Da Madre, que nos céus está em essência;

3

Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assim do céu deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na santa Cristandade:
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

4

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do sucessor de Pedro, rebelado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feias guerras ocupado,
Que ainda com o cego error se não contenta,
Não contra o soberbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

5

Vede-lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia,
(Quem viu honra tão longe da verdade?)

Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Para os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

6

Guarda-lhe por entanto um falso Rei
A cidade Hierosólíma terrestre,
Enquanto ele não guarda a santa lei
Da cidade Hierosólíma celeste.
Pois de ti, Galo indigno, que direi?
Que o nome Cristianíssimo quiseste,
Não para defendê-lo, nem guardá-lo,
Mas para ser contra ele, e derrubá-lo!

7

Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinífio e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Pois que direi daqueles que em delícias,
 Que o vil ócio no mundo traz consigo,
 Gastam as vidas, logram as divícias,
 Esquecidos de seu valor antigo?
 Nascem da tirania inimicícias,
 Que o povo forte tem de si inimigo:
 Contigo, Itália, falo, já submersa
 Em Vícios mil, e de ti mesma adversa.

Ó míseros Cristãos, pela ventura,
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
 Que uns aos outros se dão a morte dura,
 Sendo todos de um ventre produzidos?
 Não vedes a divina sepultura
 Possuída de cães, que sempre unidos
 Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
 Fazendo-se famosos pela guerra?

Vedes que têm por uso e por decreto,
 Do qual são tão inteiros observantes,
 Ajuntarem o exército inquieto

Contra os povos que são de Cristo amantes;

Entre vós nunca deixa a fera Aleto

De semear cizânias repugnantes:

Olhai se estais seguros de perigos,

Que eles e vós sois vossos inimigos.

11

Se cobiça de grandes senhorios

Vos faz ir conquistar terras alheias,

Não vedes que Pactolo e Hermo, rios,

Ambos volvem auríferas areias?

Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;

África esconde em si luzentes veias;

Mova-vos já sequer riqueza tanta,

Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

12

Aquelas invenções feras e novas

De instrumentos mortais da artilharia,

Já devem de fazer as duras provas

Nos muros de Bizâncio e de Turquia.

Fazei que torne lá às silvestres covas

Dos Cáspios montes, e da Cítia fria

A Turca geração, que multiplica

Na polícia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,
 Bradando-vos estão que o povo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do Alcorão (duro tributo!)
 Em castigar os feitos inumanos
 Vos gloriái de peito forte e astuto,
 E não queirais louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos muito possantes.

Mas entanto que cegos o sedentos
 Andais de vosso sangue, ó gente insana!
 Não faltarão Cristãos atrevimentos
 Nesta pequena casa Lusitana:
 De África tem marítimos assentos,
 É na Ásia mais que todas soberana,
 Na quarta parte nova os campos ara,
 E se mais mundo houvera, lá chegara.

E vejamos entanto que acontece
 Aqueles tão famosos navegantes,

Depois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vêm semear de Cristo a, lei,
E dar novo costume e novo Rei.

16

Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.

17

Além do Indo jaz, e aquém do Gange,
Um terreno muito grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emódio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os ídolos adoram,

Alguns os animais, que entre eles morri.

18

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vêm manando
Os rios, cuja grã corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Quersoneso.

19

Entro um e outro rio, em grande espaço,
Sai da larga terra uma loira ponta
Quase piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão ínsula confronta;
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores.

20

Mas agora de nomes e de usança

Novos e vários são os habitantes:
Os Delis, os Patanes, que em possança
De terra e gente, são mais abundantes;
Decanis, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes
Águas do Gange, e a terra de Bengala
Fértil de sorte que outra não lhe iguala.

21

O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente)
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

22

Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende uma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade

De cabeça de Império rica e bela:
Samorim se intitula o senhor dela.

23

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Português mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o traje novo
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

24

Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Anteu obedecido:
Ou pela vizinhança já teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tão loiro desterro.

25

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a língua Hispana,
Lhe disse: “Quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua pátria Lusitana?”
- “Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrescente.”

26

Espantado ficou da grã viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava:
Mas vendo enfim que a f orça da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava f ora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

27

E que, entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria,
E depois que se um pouco recreasse,

Com ele para a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.

28

O Português aceita de vontade
O que o ledó Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
Com ele come, e bebe, e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem à capitania; e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

29

O Capitão o abraça em cabo ledó,
Ouvindo clara a língua de Castela;
Junto de si o assenta, e pronto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas dela.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredó,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

Ele começa: “Ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.

31

“Deus por certo vos traz, porque pretende
Algun serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos inimigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

32

“Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:

De diversos Reis é, mas dum só
Noutro tempo, segundo a antiga fama;
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido e inteiro.

33

“Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Árábico outras gentes,
Que o culto Mahomético trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que pregando convertessem
O Perimal: de sábios e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que pressupôs de nela morrer santo.

34

“Naus arma, e nelas mete curioso
Mercadoria, que ofereça rica,
Para ir nelas a ser religioso,
Onde o profeta jaz, que a Lei publica;
Antes que parta, o Reino poderoso
Com os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro próprio, faz os mais aceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

“A um Cochim, e a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da Pimenta,
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
 E os mais, a quem o mais serve e contenta,
 Um só moço, a quem tinha muito amor,
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta:
 Para este Calecu somente fica,
 Cidade já por trato nobre e rica.

“Esta lhe dá com o título excelente
 De Imperador, que sobre os outros mande.
 Isto feito, se parte diligente
 Para onde em santa vida acabe, e ande.
 E daqui fica o nome de potente
 Samori, mais que todos digno e grande,
 Ao moço e descendentes; donde vem
 Este, que agora o Império manda e tem.

“A Lei da gente toda, rica e pobre,
 De fábulas composta se imagina:
 Andam nus, e somente um pano cobre

As partes, que a cobrir natura ensina.
Dois modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos digna
Poleás tem por nome, a quem obriga
A Lei não misturar a casta antiga.

38

“Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercício,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires é certo grande vício
Destes serem tocados; de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com cerimónias mil se alimpa e apura.

39

“Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.
Mais estranhezas ainda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

“Brâmenes são os seus religiosos,
 Nome antigo e de grande proeminência:
 Observam os preceitos tão famosos
 Dum que primeiro pôs nome à ciência:
 Não matam coisa viva, e, temerosos,
 Das carnes têm grandíssima abstinência;
 Somente no venéreo ajuntamento
 Têm mais licença e menos regimento.

“Gerais são as mulheres, mas somente
 Para os da geração de seus maridos:
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciúmes ofendidos!
 Estes e outros costumes variamente
 São pelos Malabares admitidos.
 A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.”

Assim contava o Mouro; mas vagando
 Andava a fama já pela cidade

Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais, que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada, que chegara.

43

Mas ele, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado.
Das cores a formosa diferença
A vista alegre ao povo alvoroçado.
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

44

Na praia um regedor do Reino estava,
Que na sua língua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portátil leito uma rica cama
Lhe oferece, em que vá, costume usado,

Que nos ombros dos homens é levado.

45

Desta arte o Malabar, destarte o Luso
Caminham, lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar: mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

46

O Gama e o Catual iam falando
Nas coisas, que lhe o tempo oferecia;
Monçaide entre eles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assim pela cidade caminhando,
Onde uma rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

47

Ali estão das deidades as figuras

Esculpidas em pau e em pedra fria;
Vários de gestos, vários de pinturas,
A segundo o Demónio lhe fingia:
Vêem-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia:
Os Cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

48

Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora.

49

Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio,
Com os que vêm ver o estranho Capitão;

Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.

50

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos formosos,
Que em si escondem os régios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assim vivem os Reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.

51

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedálea facultade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

52

Estava um grande exército que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava;
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava;
Por ele edificada estiva Nisa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tão próprio, que se ali estiver Semele,
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.

53

Mais avante bebendo seca o rio
Mui grande multidão da Assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De uma tão bela como incontinente.
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competência:
Amor nefando, bruta incontinência!

54

Daqui mais apartadas tremulavam
As bandeiras de Grécia gloriosas,
Terceira Monarquia, e sojugavam
Até as águas Gangéticas undosas.
Dum capitão mancebo se guiavam,

De palmas rodeado valerosas,
Que já, não de Filipo, mas sem falta
De progénie de Júpiter se exalta.

55

Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
“Tempo cedo virá que outras vitórias
Estas, que agora olhais, abaterão;
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sábios magos o alcançaram
Quando o tempo futuro especularam.

56

“E diz-lhe mais a mágica ciência
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistência,
Que contra o Céu não val da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido,”

57

Assim falando entravam já na sala,
Onde aquele potente Imperador
Numa camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no labor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

58

Bem junto dele um velho reverente,
Com os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa proeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

59

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no traje e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.

Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe fala deste modo:

60

“Um grande Rei, de lá das partes Onde
O céu volúvel, com perpétua roda,
Da terra a luz solar com a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está, e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

61

“E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Gelandá
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.

“E se queres com pactos e alianças
 De paz e de amizade sacra e nua
 Comércio consentir das abastanças
 Das fazendas da terra sua e tua,
 Por que cresçam as rendas e abastanças,
 Por quem a gente mais trabalha e sua,
 De vossos Reinos, será certamente
 De ti proveito, o dele glória ingente.

“E sendo assim, que o nó desta amizade
 Entre vós firmemente permaneça,
 Estará pronto a toda adversidade,
 Que por guerra a teu Reino se ofereça,
 Com gente, armas e naus, de qualidade
 Que por irmão te tenha e te conheça;
 E da vontade em ti sobre isto posta
 Me dês a mim certíssima resposta.”

Tal embaixada dava o Capitão,
 A quem o Rei gentio respondia
 Que, em ver embaixadores de nação

Tão remota, grã glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera..

65

E que entanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
As humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ócio dados.

66

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os ígneos carros do formoso
 Mancebo Délio viu, que a luz renova,
 Manda chamar Monçaide, desejoso
 De poder-se informar da gente nova.
 Já lhe pergunta pronto e curioso,
 Se tem notícia inteira e certa prova
 Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha
 Que é gente de sua pátria muito vizinha;

Que particularmente ali lhe desse
 Informação mui larga, pois faria
 Nisso serviço ao Rei, por que soubesse
 O que neste negócio se faria.
 Monçaide torna: — “Posto que eu quisesse
 Dizer-te disto mais, não saberia;
 Somente sei que é gente lá de Espanha,
 Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

“Têm a lei dum Profeta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento

Da mãe, tal que por bafo está aprovado
Do Deus, que tem do mundo o regimento,
O que entre meus antigos é vulgado
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

70

“Porque eles, com virtude sobre-humana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresco Goadiana,
Com feitos memoráveis e famosos:
E não contentes ainda, e na Africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

71

“Não menos têm mostrado esforço e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteças,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pírene desçam.
Assim que nunca enfim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam,
Nem se sabe ainda, não, te afirmo e asselo,

Para estes Anibais nenhum Marcelo.

72

“E se esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende:
Vai ver-lhe a f rota, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgarás de veres a polícia
Portuguesa na paz e na milícia.”

73

Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava.
Manda esquipar batéis que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava.
A capitania sobem forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

74

Purpúreos são os toldos, e as bandeiras

Do rico fio são que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campais, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nela os olhos apascenta.

75

Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquele deleite, que tanto ama
A seita Epicureia, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente:
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

76

A trombeta que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Com o fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares

Feitos dos homens, que em retrato breve

A muda poesia ali descreve

77

Alça-se em pé, com ele o Gama junto,

Coelho de outra parti, e o Mauritano;

Os olhos põe no bélico transunto

De um velho branco, aspecto venerando

Cujo nome não pode ser defunto

Enquanto houver no mundo trato humano:

No trajo a Grega usança está perfeita,

Um ramo por insígnia na direita.

78

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego!

Eu, que cometo insano e temerário,

Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,

Por caminho tão árduo, longo e vário!

Vosso favor invoco, que navego

Por alto mar, com vento tão contrário,

Que, se não me ajudais, hei grande medo

Que o meu fraco batel se alague cedo.

79

Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna mo traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Canace, que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada, e noutra a pena.

80

Agora, com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degradado;
Agora, da esperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado;
Agora às costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tão delgado
Que não menos milagre foi salvar-se
Que para o Rei Judaico acrescentar-se.

81

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles, que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,

Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

82

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valorosos,
Que assim sabem prezar com tais favores
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as coisas em memória,
Que merecerem ter eterna glória!

83

Pois logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sóis, que eu tenho já jurado
Que não o empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

84

Nem creiais, Ninfas, não, que a fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Inimigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;

85

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, também cuideis que canto
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo.

86

Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente;

Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Para taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

87

Aqueles sós direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apolo, e as Musas que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Canto VIII

1

Na primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
“Quem era, e por que causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada?”
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta.

2

“Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antigos são, mas ainda resplandecem
Colo nome, entre os engenhos mais perfeito
Este que vês é Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitânia chama.

3

“Foi filho e companheiro do Tebano,
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas, que contino usou;
Do Douro o Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio, tanto o contentou,
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

4

“O ramo que lhe vês para divisa,
O verde tirso foi de Baco usado;
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amido.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?

5

“Ulisses é o que faz a santa casa
A Deusa, que lhe dá língua facunda;
Que, se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.”

- “Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as águias nas bandeiras tem pintadas.”

6

Assim o Gentio diz. Responde o Gama:

- “Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível afamado;
Não tem com ele, não, nem ter puderam
O primor que com Pirro já tiveram.

7

“Com força, não; com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram que os espanta:
Que o grande aperto, em gente ainda que honrosa,
As vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, conosco se levanta:
Escolheu bem com quem se levantasse,
Para que eternamente se ilustrasse.

“Vês? conosco também vence as bandeiras

Dessas aves de Júpiter validas;

Que já naquele tempo as mais Guerreiras

Gentes de nós souberam ser vencidas.

Olha tão subtis artes e maneiras,

Para adquirir os povos, tão fingidas,

A fatídica Cerva que o avisa:

Ele é Sertório, e ela a sua divisa.

“Olha estoutra bandeira, e vê pintado

O grã progenitor dos Reis primeiros.

Nós Úngaro o fazemos, porém nado

Crêem ser em Lotaríngia os estrangeiros.

Depois de ter com os Mouros superado,

Galegos e Leoneses cavaleiros,

A casa Santa passa o santo Henrique,

Por que o tronco dos Reis se santifique.”

“Quem é, me diz, este outro que me espanta,

(Pergunta o Malabar maravilhado)

Que tantos esquadrões, que gente tanta,

Com tão pouca, tem roto e destroçado?

Tantos muros aspérrimos quebranta,

Tantas batalhas dá, nunca cansado,

Tantas coroas tem por tantas partes

A seus pés derribadas, e estandartes!”

11

- “Este é o primeiro Afonso, disse o Gama,

Que todo Portugal aos Mouros toma;

Por quem, no Estígio lago, jura a Fama

De mais não celebrar nenhum de Roma.

Este é aquele zeloso a quem Deus ama,

Com cujo braço o Mouro inimigo doma,

Para quem de seu Reino abaixa os muros,

Nada deixando já para os futuros,

12

“Se César, se Alexandre Rei, tiveram

Tão pequeno poder, tão pouca gente,

Contra tantos inimigos quantos eram

Os que desbaratava este excelente,

Não creias que seus nomes se estendera

Com glórias imortais tão largamente;

Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,

Vê que os de seus vassalos são notáveis.

“Este que vês olhar com gesto irado
 Para o rompido aluno mal sofrido,
 Dizendo-lhe que o exército espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido;
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho,
 Para leais vassalos claro espelho.

“Vê-lo cá vai com os filhos a entregar-se,
 A corda ao colo, nu de seda e pano,
 Porque não quis o moço sujeitar-se,
 Como ele prometera, ao Castelhana.
 Fez com siso e promessas levantar-se
 O cerco, que já estava soberano;
 Os filhos e mulher obriga à pena:
 Para que o senhor salve, a si condena.

“Não fez o Cônsul tanto, que cercado
 Foi nas forças Caudinas, de ignorante,

Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Estoutro a si, e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que dói mais.

16

“Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?
Já o Rei tem preso e a vila descercada:
Ilustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando a morto,
Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória.

17

“É, Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Com o fogo que acendeu junto da serra
De Abila, nas galés da Maura gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a feliz alma,

Triunfando, nos céus, com justa palma.

18

“Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto:
Germanos são os mártires de Cristo.

19

“Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Teotónio, Prior. Mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo, ergueu das Quinis a bandeira.

20

“Vê-lo cá, donde Sancho desbarata

Os Mouros de Vandália em fera guerra;
Os inimigos rompendo, o alferes mata
E o Hispálico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pai com os ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba e a sua exalta.

21

“Olha aquele que desce pela lança?
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro, que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!)
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

22

“Não vês um Castelhana, que agravado
De Afonso nono rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, com os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros infiéis que traz consigo.

Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

23

“Martim Lopes se chama o cavaleiro,
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro.
Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no céu que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

24

“Vós? vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, com os outros dois, e não de espaço.
Rotos? mas antes mortos, maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? já a vila de Alcáçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa da palma ali coroa.

25

“Olha um Mestre que desce de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforço, e com benigna estrela,
Vilas, castelos toma à escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores!

26

“Vês? com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente.
Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneios,
Nelas deixando públicos troféus.

27

“Vê-los, com o nome vêm de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavaleiros,

Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.

28

“Atenta num, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

29

“Olha: por seu conselho e ousadia
De Deus guiada só, e de santa estrela,
Só pode o que impossível parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória clara e bela,
Na gente, assim feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Goadiana habita?

30

“Mas não vês quase já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que, apartado
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse,
Por que consigo esforço aos fracos desse?

31

“Mas olha com que santa confiança,
- Que inda não era tempo, — respondia,
Como quem tinha em Deus a seguraria
Da vitória que logo lhe daria.
Assim Pompílio, ouvindo que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
-“Pois eu, responde, estou sacrificando.” -

32

“Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Ouvir quiseses como se nomeia,
Português Cipião chamar-se deve;
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arreia:

Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes pai, que enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Netuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

33

“Na mesma guerra vê que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente;
Comendadores vence e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar com o amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pêro Rodrigues é do Landroal.

34

“Olha este desleal o como paga
O perjúrio que fez e vil engano:
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o último dano:
De Xerez rouba o campo, e quase alaga
Com o sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que com o rosto
Faz escudo às galés, diante posto.

“Olha que dezessete Lusitanos,
 Neste outeiro subidos se defendem,
 Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
 Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
 Porém logo sentiram, com seus danos,
 Que não só se defendem, mas ofendem:
 Digno feito de ser no mundo eterno,
 Grande no tempo antigo e no moderno.

“Sabe-se antigamente que trezentos
 Já contra mil Romanos pelejaram,
 No tempo que os viris atrevimentos
 De Viriato tanto se ilustraram,
 E deles alcançando vencimentos
 Memoráveis, de herança nos deixaram
 Que os muitos, por ser poucos, não temamos:
 O que depois mil vezes amestramos.

“Olha cá dois infantes, Pedro e Henrique,
 Progénie generosa de Joane:
 Aquele faz que fama ilustre fique

Dele em Germânia, com que a morte engane;

Este, que ela nos mares o publique

Por seu descobridor, e desengane

De Ceita a Maura tímida vaidade,

Primeiro entrando as portas da cidade.

38

“Vês o conde Dom Pedro, que sustenta

Dois cercos contra toda a Barbaria?

Vês, outro Conde está, que representa

Em terra Marte, em forças e ousadia;

De poder defender se não contenta

Alcácere da ingente companhia;

Mas do seu Rei defende a cara vida,

Pondo por muro a sua, ali perdida.

39

“Outros muitos verias, que os pintores

Aqui também por certo pintariam;

Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,

Honra, prémio, favor, que as artes criam:

Culpa dos viciosos sucessores,

Que degeneram, certo, e se desviam

Do lustre e do valor dos seus passados,

Em gostos e vaidades atolados.

“Aqueles pais ilustres que já deram
 Princípio à geração que deles pende,
 Pela virtude muito então fizeram,
 E por deixar a casa, que descende.
 Cegos, que dos trabalhos que tiveram,
 Se alta fama e rumor deles se estende,
 Escuros deixam sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corruptores.

“Outros também há grandes e abastados,
 Sem nenhum tronco ilustre donde venham;
 Culpa de Reis, que às vezes a privados
 Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.
 Estes os seus não querem ver pintados,
 Crendo que cores vãs lhe não convenham,
 E, como a seu contrairo natural,
 A pintura, que fala, querem mal.

“Não nego que há contudo descendentes
 Do generoso tronco, e casa rica,

Que com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura.
Mas destes acha poucos a pintura.”

43

Assim está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e direitos
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

44

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a a lâmpada grande se escondia
Debaixo do Horizonte e luminosa
Levava aos Antípodas o dia,
Quando o Gentio e a gente generosa
Dos Naires da nau forte se partia
A buscar o repouso que descansa

Os lassos animais, na noite mansa.

45

Entretanto os Arúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabólicos e indícios,
Mandados do Rei próprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus ofícios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

46

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativoiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o atónito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que olhara.

47

A isto mais se ajunta que um devoto

Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios ainda se não desse.

48

E diz-lhe assim: “Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se aparelha pelo inimigo
Que pelas águas úmidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.”
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado:
Torna a dormir quieto e sossegado.

49

Torna Baco, dizendo: “Não conheces
O grã legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos batizados?
Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces!
Pois saberás que aqueles, que chegados

De novo são, serão muito grande dano
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.

50

“Enquanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque, quando o Sol sai, facilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raízes criar lhe não tolheis.”

51

Isto dito, ele e o sono se despede.
Tremendo fica o atónito Agareno:
Salta da cama, lume ao servos pede,
Lavrando nele o fervido veneno.
Tanto que a nova luz que ao Sol precede
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

52

Diversos pareceres e contrários
Ali se dão , segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias inventavam e teciam.
Mas, deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores;

53

Com peitas, ouro, e dádivas secretas
Conciliam da terra os principais,
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas,
Que, os mares percorrendo ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas

54

Ó quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como este posto na suprema

Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios ter notícia mais inteira,
Do que lhe der a língua conselheira.

55

Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta.
E quando um bom em tudo é justo e santo,
Em negócios do mundo pouco acerta,
Que mal com eles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.

56

Mas aqueles avaros Catuais,
Que o Gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo, que deixava descoberto.

57

Nisto trabalha só; que bem sabia
Que depois que levasse esta certeza,
Armas, o naus, e gente mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

58

Falar ao Rei gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se se espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

59

Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atiça:

Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

60

Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava muito contrários pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse: — “Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

61

Fala do Samorim ao Gama
“Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há de vir cometer com naus e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

“E se de grandes Reinos poderosos
 O teu Rei tem a régia majestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incógnita verdade?
 Com peças e dons altos, sumptuosos,
 Se lia dos Reis altos a amizade;
 Que sinal nem penhor não é bastante
 As palavras dum vago navegante.

“Se porventura vindes desterrados,
 Como já foram homens de alta sorte,
 Em meu Reino sereis agasalhados,
 Que toda a terra é pátria para o forte,;
 Ou se piratas sois ao mar usados,
 Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.”

Isto assim dito, o Gama, que já tinha
 Suspeitas das insídias que ordenava

O Mallométrico ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
Com uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:

65

“Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade,
Não causaram que o vaso da niquícia,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão, coa falsidade,
Ó poderoso Rei da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

66

“Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias

Se não cresses a quem não crer devias.

67

“Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago, ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria experimentando o mar irado,
Os Antárcticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

68

“Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a natura pôs teu Reino antigo.
Mas, se a Fortuna tanto me sublima
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

69

“Se te parece inopinado feito,

Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possível tem por grande.
Bem parece que o nobre e grã conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito, e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.

70

“Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre às grandes coisas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

71

“Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.
Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,

Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

72

“Crescendo com os sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns, sucedendo aos outros, prosseguiram.
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as sete flamas viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

73

“Assim com firme peito, e com tamanho
Propósito, vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna.
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.

74

“Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prêmio,
Qual, não sendo isto assim, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proêmio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grêmio
Da madre Tethys, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

75

“Assim que, ó Rei, se minha grã verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impeças o gosto da tornada.
E, se ainda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se.”

76

A tento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme em quanto proferia.
Pondera das palavras a abastança,

Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.

77

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Com o Capitão, e não com o Mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito
As naus se vá, e, seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

78

Que mande da fazenda, enfim, lhe manda,
Que nos Reinos Gangéticos faleça;
Se alguma traz idónea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão, para onde peça
Ao Catual, que dele tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

79

Embarcação que o leve às naus lhe pede;
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com ele parte ao cais, por que o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

80

Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro sua partida diferisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele atéli não entendera.

81

Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente.

Dele somente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente.
Ele, que no conceito vil conspira,
De suas esperanças não delira.

82

O Gama com instância lhe requiere
Que o mande pôr nas naus, e não lhe vai;
E que assim lhe mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os Reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derogado.

83

Pouco obedece o Catual corrupto
A tais palavras; antes revolvendo
Na fantasia algum subtil e astuto
Engano diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido, estava vendo;
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhuma à pátria mais tornasse.

Que nenhum torne à pátria só pretende
 O conselho infernal dos Maumetanos,
 Por que não saiba nunca onde se estende
 A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
 Não parte o Gama enfim, que lho defende
 O Regedor dos bárbaros profanos;
 Nem sem licença sua ir-se podia,
 Que as almadias todas lhe tolhia.

Aos brados o razões do Capitão
 Responde o Idolatra que mandasse —
 Chegar à terra as naus, que longo estão,
 Por que melhor dali fosse e tornasse.
 “Sinal é de inimigo e de ladrão,
 Que lá tão longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo e fido amigo
 É não temer do seu nenhum perigo.”

Nestas palavras o discreto Gama
 Enxerga bem que as naus deseja perto
 O Catual, por que com ferro e flama,

Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo enfim cuidava.

87

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal formoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E, sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes é telhado
Trêmulo, aqui e ali, e dessorsegado:

88

Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia com os batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava,
“Que se tornasse à frota, que deixara;
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maumetanos.”

Tal há de ser quem quer, com o dom de Marte,

Imitar os ilustres e igualá-los:

Voar com o pensamento a toda parte,

Adivinhar perigos, e evitá-los:

Com militar engenho e subtil arte

Entender os inimigos, e enganá-los;

Crer tudo, enfim, que nunca louvarei

O Capitão que diga: “Não cuidei”.

Insiste o Malabar em tê-lo preso,

Se não manda chegar a terra a armada;

Ele constante, e de ira nobre aceso,

Os ameaços seus não teme nada;

Que antes quer sobre si tomar o peso

De quanto mal a vil malícia ousada

Lhe andar armando, que pôr em ventura

A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquela noite esteve ali detido,

E parte do outro dia, quando ordena

De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

92

Diz-lhe “que mande vir toda a fazenda
Vendível, que trazia, para a terra,
Para que de vagar se troque e venda:
Que quem não quer comércio, busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra com a fazenda a liberdade.

93

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idóneas com que venha;
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha.
Escreve a seu irmão que lhe mandasse

A fazenda com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ela ficam Álvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o prémio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

95

Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Ele, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado
Nelas estar se deixa descansado.

96

Nas naus estar se deixa vagaroso,

Até ver o que o tempo lhe descobre:

Que não se fia já do cobiçoso

Regedor corrompido e pouco nobre.

Veja agora o juízo curioso

Quanto no rico, assim como no pobre,

Pode o vil interesse e sede inimiga

Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Ptei Treício,

Só por ficar senhor do grão tesouro;

Entra, pelo fortíssimo edifício,

Com a filha de Acriso a chuva d'ouro;

Pode tanto em Tarpeia avaro vício,

Que, a troco do metal luzente e louro,

Entrega aos inimigos a alta torre,

Do qual quase afogada em pago morre.

98

Este rende munidas fortalezas,

Faz treedores e falsos os amigos:

Este a mais nobres faz fazer vilezas,

E entrega Capitães aos inimigos;

Este corrompe virginais purezas,

Sem temer de honra ou fama alguns perigos:

Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências;

99

Este interpreta mais que sutilmente.
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus Onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor, contudo, de virtude.

Canto IX

1

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dois feitores
Que os infieis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo, que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

2

Lá no seio Eritreu, onde fundada
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu,
Do nome da irmã sua assim chamada,
Que depois em Suez se converteu,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.

3

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que esse Reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infiéis, formosa companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

4

Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aqueles, que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem.

5

Mas o Governador dos céus e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a ef eito o fim fadado,
Influiu piedosos acidentes

De afeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

6

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como eles, antes era
Participante em quanto maquinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naus que longe estavam
Visita, o com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arábica Meca vêm cada ano,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano.
Diz-lhe que vêm de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

8

O Gama, que também considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Maumetanos ama,
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e por que a fama
Desta súbita vinda os não impeça,
Lhe manda que a fizessem escondida.

9

Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse com verdade:
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns, que às naus vieram
A vender a pedraria que trouxeram.

10

Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu, e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos.

Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram com o peito duro a barra;

11

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos que se matam
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim, se queixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

12

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente
Apesar dos inimigos Maumetanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos;
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas, e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

Parte-se costa abaixo, porque entende
 Que em vão com o Rei gentio trabalhava
 Em querer dele paz, a qual pretende
 Por firmar o comércio que tratava.
 Mas como aquela terra, que se estende
 Pela Aurora, sabida já deixava,
 Com estas novas torna à pátria cara,
 Certos sinais levando do que achara.

Leva alguns Malabares, que tomou
 Por força, dos que o Samorim mandara
 Quando os presos feitores lhe tornou;
 Leva pimenta ardente, que comprara;
 A seca flor de Banda não ficou,
 A noz, e o negro cravo, que faz clara
 A nova ilha Maluco, com a canela,
 Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

Isto tudo lhe houvera a diligência
 De Monçaide fiel, que também leva,
 Que, inspirado de angélica influência,

Quer no livro de Cristo que se escreva.

Ó ditoso Africano, que a clemência
Divina assim tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Para subir à pátria verdadeira!

16

Apartadas assim da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos;

17

O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes;
Vir a lograr o prémio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e acidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito.

Porém a deusa Cípria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom génio dada,
Que sempre os guia já de longos anos;
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos, que pelo Deus nascido
Nas Anfióneas Tebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para prémio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal líquido e manso;

Algun repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade

Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.

Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao céu sereno.

21

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, lá no meio
Das águas, alguma ínsula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da mãe primeira com o terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

22

Ali quer que as aquáticas donzelas
Esperem os fortíssimos barões,
Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações,
Com danças e coreias, porque nelas
Influirá secretas afeições,
Para com mais vontade trabalharem

De contentar, a quem se afeiçoaram.

23

Tal manha buscou já, para que aquele
Que de Anquises pariu, bem recebido
Fosse no campo que a bovina pele
Tomou de espaço, por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que assim como naquela empresa antiga
Ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

24

No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquelas em que já foi convertida
Perístera, as boninas apanhando.
Em derredor da Deusa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando.
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Serenó faz, com brando movimento.

25

Já sobre os Idálios montes pende,

Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, por que emende
Erros grandes, que há dias nele estão,
Amando coisas que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

26

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja ainda comido
Desses cães que agora ama, e consumido.

27

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina.
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina

Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente.

28

Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

29

Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja,
Que espera ter com a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

30

Muitos destes meninos voadores
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros ásteas de setas delgaçando;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando,
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.

31

Nas frágoas imortais, onde forjavam
Para as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas ainda palpitantes.
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva f lama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima, e não consume.

32

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe rude;
Crebros suspiros pelo ir soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Formosas Ninfas são as que curavam

As chagas recebidas cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os ainda não nascidos.

33

Formosas são algumas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no às vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias,
Por palavras subtis de sábias magas:
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

34

Destes tiros assim desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E tamboril nos heróis de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando,
Qual o das moças Bíbli e Cinireia,
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.

35

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.
Uns esperando andais noturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do menino.

36

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entro a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céu se atreve,
A recebê-la vem, ledó e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deusa dos amores.

37

Ela, por que não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: “Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada;

Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,
A socorrer-me a tua potestade
Me triz especial necessidade.

38

“Bem vês as Lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço.
E, porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39

“E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prémio e doce glória
Do trabalho, que faz clara a memória.

“E para isso queria que, feridas
 As filhas de Nereu, no ponto fundo,
 De amor dos Lusitanos incendidas,
 Que vêm de descobrir o novo mundo,
 Todas numa ilha juntas e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De dons de Flora e Zéfiro adornada;

“Ali, com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoríferos e rosas,
 Em cristalinos paços singulares
 Formosos leitos, e elas mais formosas;
 Enfim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Ninfas amorosas,
 De amor feridas, para lhes entregarem
 Quanto delas os olhos cobiçarem.

“Quero que haja no reino Netunino,
 Onde eu nasci, progénie forte e bela,
 E tome exemplo o mundo vil, malino,

Que contra tua potência se rebela,
Por que entendam que muro adamantino,
Nem triste hipocrisia val contra ela:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas águas arde.”

43

Assim Vénus propôs, e o filho inieo,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledó a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves, cujo canto
A Factôntea morte chorou tanto.

44

Mas diz Cupido, que era necessária
Uma famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

Vão-a buscar, e mandam adiante,
 Que celebrando vá com tuba clara
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhara:
 Fala verdade, havida por verdade,
 Que junto a Deusa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excelente
 No coração dos Deuses, que indignados
 Foram por Baco contra a ilustre gente,
 Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
 O peito feminino, que levemente
 Muda quaisquer propósitos tomados,
 Já julga por mau zelo e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede nisto o fero moço as setas
 Uma após outra: geme o mar com os tiros;

Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama:
Que tanto, como a vista, pode a fama.

48

Os cornos ajuntou da ebúrneia lua
Com força o moço indómito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta alguma,
Nem nos equóreos campos Ninfa viva;
E se feridas ainda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

49

Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vedes, Vénus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água Netunina.
Para que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É, forçado que a pudicícia honesta

Faça quanto lhe Vénus amoesta.

50

Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Vénus as guiava.
Ali a formosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava.
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.

51

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente para a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria,
Para a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe formosa
De Menónio, suave e deleitosa.

52

De longe a Ilha viram fresca e bela,

Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo enfim podia.

53

Mas firme a fez e imóvel, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca areia,
Pintou de ruivas conchas Citereia.

54

Três formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam..
Na formosa ilha alegre e deleitosa;
Claras fontes o límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;

Por entre pedras alvas se deriva

A sonora Ninfa fugitiva.

55

Num vale ameno, que os outeiros fende,

Vinham as claras águas ajuntar-se,

Onde uma mesa fazem, que se estende

Tão bela quanto pode imaginar-se;

Arvoredo gentil sobre ela pende,

Como que pronto está para afeitar-se,

Vendo-se no cristal resplandecente,

Que em si o está pintando propriamente.

56

Mil árvores estão ao céu subindo,

Com pomos odoríferos e belos:

A laranjeira tem no fruto lindo

A cor que tinha Dafne nos cabelos;

Encosta-se no chão, que está caindo,

A cidreira com os pesos amarelos;

Os formosos limões ali, cheirando,

Estão virgíneas tetas imitando.

57

As árvores agrestes que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citerea, com os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Para onde é posto o etéreo paraíso.

58

Os dons que dá Pomona, ali Natura
Produce diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

59

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, com uns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,

Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano, que, com os bicos,
Em vós fazem os pássaros inicos.

60

Pois a tapeçaria bela e fina,
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos diria,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifísia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Floresce o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.

61

Para julgar, difícil coisa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores;
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluz nas faces da donzela;

62

A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjarona.
Vêem-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Cloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

63

Ao longo da água o níveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon, n'água cristalina e bela;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

64

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.

Algumas doces cítaras tocavam,
Algumas harpas e sonoras flautas,
Outras com os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

65

Assim lhe aconselhara a mestra experta;
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar-se deixam na água pura,

66

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos,
Que não há nenhum deles que não saia
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benigna,
Qual ferida lha tinha já Ericina.

Alguns, que em espingardas e nas bestas,
 Para ferir os cervos se fiavam,
 Pelos sombrios matos e florestas
 Determinadamente se lançavam:
 Outros, nas sombras, que de as altas sestas
 Defendem a verdura, passeavam
 Ao longo da água que, suave e queda,
 Por alvas pedras corre à praia leda.

Começam de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos várias cores,
 Cores de quem a vista julga e sente
 Que não eram das rosas ou das flores,
 Mas da lã fina e seda diferente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se por arte mais formosas.

Dá Veloso espantado um grande grito:
 “Senhores, caça estranha, disse, é esta!
 Se ainda dura o Gentio antigo rito,

A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espírito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que são grandes as coisas e excelentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

70

“Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.”
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

71

De uma os cabelos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas;
Uma de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se lavam:

Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.

Umas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais depressa
A vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos há, que se arremessa,
Vestido assim e calçado (que, coa mora
De se despir, há medo que ainda tarde)
A matar na água o fogo que nele arde.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,

Vendo no rosto o férreo cano erguido
Para a garcena ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'água, e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assim o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.

75

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fora dele maltratado,
E tinha já por firme pressuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De ainda poder seu fado ter mudança,

76

Quis aqui sua ventura, que corria
Após Efire, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
“Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,

Espera um corpo de quem levas a alma.

77

“Todas de correr cansam, Ninfa pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Ó não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78

“Não canses, que me cansas: e se queres
Fugir-me, por que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, ainda que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te.
Espora; quero ver, se tu quiseses,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás, no fim deste sucesso,
Tra la spica e la man, qual muro è messo.

79

“Ó não me fujas! Assim nunca o breve

Tempo fuja de tua formosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exército se atreve
A quebrantar a fúria da ventura,
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo!

80

“Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração, que livre tinha?
Solta-me, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atadaavas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

81

“Nesta esperança só te vou seguindo:
Que, ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrela:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,

E tu me esperarás, se Amor te fere:
E se me esperas, não há mais que espere.”

82

Já não fugia a bela Ninfa, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83

Ó que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã, e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

84

Desta arte enfim conformes já as formosas
Ninfas com os seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas
De louro, e de ouro, e flores abundantes.
As mãos alvas lhes davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

85

Uma delas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas, e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

86

Que, depois de lhe ter dito quem era,
Com um alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influência do imóvel fado,
Para lhe descobrir da unida esfera

Da terra imensa, e mar não navegado,
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

87

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual uma rica fábrica se erguia
De cristal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contínuo:
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

88

Assim a formosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando,
Numa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89

Que as Ninfas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angélica pintada,
Outra coisa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas proeminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta ilha.

90

Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valorosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso:

91

Não eram senão prémios que reparte
Por feitos imortais e soberanos
O mundo com os varões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.

Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino, e os dois Tebanos,
Ceres, Palas e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

92

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses imortais,
Indígetes, Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo.

93

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente:
Melhor é, merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, o nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que ilustram tanto as vidas.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora com os conselhos bem cuidados,
Agora com as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados;
Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos,
E nesta Ilha de Vénus recebidos.

Canto X

1

Mas já o claro amador da Larisséia
Adúltera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão, nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favónio enfreia
Co sopro que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,

2

Quando as fermosas Ninfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3

Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, d'ouro finas,
Está co a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egípcia antiga fama ,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

4

Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Itálico Falerno
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co a mistura d'água fria.

5

Mil práticas alegres se tocavam;
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se ale vantavam,
Despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam

(Quais, no profundo Reino, os nus espíritos
Fizeram descansar da eterna pena)
Cua voz dua angélica Sirena.

6

Cantava a bela Ninfa, e cos acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instrumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos
E faz ir docemente murmurando
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

7

Com doce voz está subindo ao Céu
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideias viu Proteu
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e depois no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

8

Matéria é de coturno, e não de soco,
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.
Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

9

Vão os anos descendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das Musas, co que quero à nação minha!

10

Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;

E que os Gentios Reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.

11

Cantava dum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só por não quebrar cos singulares
Barões os nós que dera d'amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co a nova gente.

12

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Aquiles Lusitano.
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n'água os troncos que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

Mas, já chegado aos fins Orientais
 E deixado em ajuda do gentio Rei de
 Cochim, com poucos naturais,
 Nos braços do salgado e curvo rio
 Desbaratará os Naires infernais
 No passo Cambalão, tornando frio
 D'espanto o ardor imenso do Oriente,
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamará o Samorim mais gente nova;
 Virão Reis [de] Bipur e de Tanor,
 Das serras de Narsinga, que alta prova
 Estarão prometendo a seu senhor;
 Fará que todo o Naire, enfim, se mova
 Que entre Calecu jaz e Cananor,
 D'ambas as Leis imigas pera a guerra:
 Mouros por mar, Gentios pola terra.

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
 A grande multidão que irá matando

A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

16

Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas;
Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo; mas voando
Dum noutro, tudo irá desbaratando.

17

Virá ali o Samorim, por que em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remédio ou manha boa
Nem força que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

Que tornará a vez sétima (cantava)
 Pelejar co invicto e forte Luso,
 A quem nenhum trabalho pesa e agrava;
 Mas, contudo, este só o fará confuso.
 Trará pera a batalha, horrenda e brava,
 Máquinas de madeiros fora de uso,
 Pera lhe abalroar as caravelas,
 Que até'li vão lhe fora cometê-las.

Pela água levará serras de fogo
 Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;
 Mas a militar arte e engenho logo
 Fará ser vã a braveza com que venha.
 - “Nenhum claro barão no Márcio jogo,
 Que nas asas da Fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma.
 E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

“Porque tantas batalhas, sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,

Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães não imbeles profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros, invocados,
Decerão a ajudá-lo e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

21

“Aquele que nos campos Maratónios
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio.”

22

Mas neste passo a Ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agardecido.
- “Ó Belisário (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,

Aqui tens com quem podes consolar-te!

23

“Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

24

“Isto fazem os Reis quando embebidos
Nüa aparência branda que os contenta
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

25

“Mas tu, de quem ficou tão mal pagado

Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és pera dar-lhe honroso estado,
É ele pera dar-te um Reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

26

“Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

27

“Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edifícios,
Co ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios.
Depois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artifícios

Contra os Lusos, com velas e com remos

O mancebo Lourenço fará extremos.

28

“Das grandes naus do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co a férrea pela,
Que sai com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela.
Depois, lançando arpéus ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
Saltando o fará só com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

29

“Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência
Poderá haver que a vida lhe reserve.
Em Chaúl, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.

30

“Ali o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os Antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido nem domado.

31

“Com toda ùa coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara.
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora
Onde súbito se acha vencedora.

32

“Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,

Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.

33

“Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos gíolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

34

“Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaxando-lhe a tímida ousadia.

35

“E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas.

A de Melique Iaz, acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

36

“Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

37

“Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que depois virá ao pátrio Tejo,
Quási lhe roubará a famosa glória
Um sucesso, que triste e negro vejo!

O Cabo Tormentório, que a memória
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele espírito,
Que não tiraram toda a Índia e Egípto.

38

“Ali, Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.

39

“Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

“Esta luz é do fogo e das luzentes
 Armas com que Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso e brando.

Ali verão as setas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou; que Deus peleja
 Por quem estende a fé da Madre Igreja.

“Ali do sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praia e mar se estendem
 De Gerum, de Mazcate e Calaiate;
 Até que à força só de braço aprendem
 A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino inico
 Das perlas de Barém tributo rico.

“Que gloriosas palmas tecer vejo
 Com que Vitória a fronte lhe coroa,
 Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,

Toma a ilha ilustríssima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

43

“Eis já sobr’ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que liões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egípcia Santa Caterina.

44

“Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaivos namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.”

Mais estanças cantara esta Sirena
 Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
 Mas alembrou-lhe ùa ira que o condena,
 Posto que a fama sua o mundo cerque.
 O grande Capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos glória eterna merque,
 Mais há-de ser um brando companheiro
 Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

Mas em tempo que fomes e asperezas,
 Doenças, frechas e trovões ardentes,
 A sazão e o lugar, fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes,
 Parece de selváticas brutezas,
 De peitos inumanos e insolentes,
 Dar extremo suplício pela culpa
 Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

Não será a culpa abominoso incesto
 Nem violento estupro em virgem pura,

Nem menos adultério desonesto,
Mas cûa escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus ùa ira insana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

48

Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

49

Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Per força, de Judita foi marido
O férreo Balduíno; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em causas grandes,

Que viva e povoador seja de Frandes.

50

Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas Arábicas ribeiras:
- “Medina abominável teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o empório Zeila geme.

51

“A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos próprios tão temida.

52

“Também Sequeira, as ondas Eritreias

Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Império, que te arreias
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheias
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;
E fará descobrir remotas Ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

53

“Virá despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que cá, terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Cos títulos de Conde e d’honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

54

“Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado co a Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,

Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

55

“Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que, nos ares,
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos d’alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontínência,
Que em tal idade é suma de excelência.

56

“Mas, depois que as Estrelas o chamarem,
Sucederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroadas,
Que de fortuna justa acompanhado.

57

“No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, co valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:
Tudo fico que rompas e sometas.

58

“Mas na Índia, cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

59

“Mas, contudo, não nego que Sampaio
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio

No Malabar, pera que, amedrontado,
Despois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

60

“E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaúl temerá, de grande e ousada,
Fará, co a vista só, perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

61

“A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,
Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele geme
Melique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

62

“Trás este vem Noronha, cujo auspício
De Dio os Rumes feros afugenta;
Dio, que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

63

“Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado.
Depois, Capitão-mor do Índico mar,
O muro de Damão, soberbo e armado,
Escala e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

64

“A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.

Despois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecu, que assi com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.

65

“Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;
E despois, junto ao Cabo Comorim,
üa façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o Márcio jogo.

66

“Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá despois com ceptro a governá-la
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Batalalá, que vira já Beadala.
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.

“Este será Martinho, que de Marte
 O nome tem co as obras derivado;
 Tanto em armas ilustre em toda parte,
 Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.
 Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
 Português terá sempre levantado,
 Conforme sucessor ao sucedido,
 Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

“Persas feroces, Abassis e Rumes,
 Que trazido de Roma o nome têm,
 Vários de gestos, vários de costumes
 (Que mil nações ao cerco feras vêm),
 Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes
 Porque uns poucos a terra lhe detêm.
 Em sangue Português, juram, descridos,
 De banhar os bigodes retorcidos.

“Basiliscos medonhos e liões,
 Trabucos feros, minas encobertas,
 Sustenta Mascarenhas cos barões

Que tão ledos as mortes têm por certas;
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

70

“Fernando, um deles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido.
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e depois os inimigos.

71

“Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
Feitos farão tão dinos de memória
Que não caibam em verso ou larga história.

“Este, depois, em campo se apresenta,
 Vencedor forte e intrépido, ao possante
 Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hidalcão, do braço triunfante
 Que castigando vai Dabul na costa;
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

“Estes e outros Barões, por várias partes,
 Dinos todos de fama e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos desta Ilha,
 Varrendo triunfantes estandartes
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas Ninfas e estas mesas,
 Que glórias e honras são de árduas empresas.”

Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,
 Com sonoro aplauso, vozes davam,

Com que festejam as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravam.
- “Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Nüa cõnsona voz todas soavam),
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.”

75

Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

76

- “Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de, cos olhos corporais,
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu cos mais.”
Assi lhe diz e o guia por um mato

Árduo, difícil, duro a humano trato.

77

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

78

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s'ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

79

Uniforme, perfeito, em si sustido,

Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: — “O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

80

“Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

81

“Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem

Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.

82

“Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

83

“E também, porque a santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudência
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta);
Os que são bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

84

“Quer logo aqui a pintura que varia
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando,
Nem nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente.

85

“Enfim que o Sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão Divina veneranda,
Debaxo deste círculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre, tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.

86

“Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,

Tão lento e sojugado a duro freio,
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

87

“Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele tem curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co largo Cinto d, ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Apousentos de Febo limitados.

88

“Olha por outras partes a pintura
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopeia a fermosura
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

89

“Debaxo deste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
 Júpiter logo faz o movimento,
 E Marte abaxo, bélico inimigo;
O claro Olho do céu, no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo;
 Mercúrio, de eloquência soberana;
Com três rostos, debaxo vai Diana.

90

“Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
 Ora fogem do Centro longamente,
 Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem co Mar a Terra por seu centro.

91

“Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente, ousados, se contentam
 De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instável exprimentam,

Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
Várias nações que mandam vários Reis,
Vários costumes seus e várias leis.

92

“Vês Europa Cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza.
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza;
Co Cabo que até‘aqui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem Lei, quási infinita.

93

“Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá, pola Fé santa sua.
Nace por este incógnito Hemispério
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

“Olha as casas dos negros, como estão
 Sem portas, confiados, em seus ninhos,
 Na justiça real e defesa
 E na fidelidade dos vizinhos;
 Olha deles a bruta multidão,
 Qual bando espesso e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofala a fortaleza, Que
 defenderá Nhaia com destreza.

“Olha lá as alagoas donde o Nilo
 Nace, que não souberam os antigos;
 Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Crista amigos;
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos;
 Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
 Que ora dos naturais Nobá se chama.

“Nesta remota terra um filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro;
 Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;

Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

97

“O Cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;
Este como limite está lançado
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações que a parte Africa tem
Maçuá são, Arquico e Suaqué.

98

“Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas nas quais abriu patente
Estrada o grão Mousés na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

“Olha o monte Sinai, que se ennobrece
 Co sepulcro de Santa Caterina;
 Olha Toro e Gidá, que lhe falece
 Água das fontes, doce e cristalina;
 Olha as portas do Estreito, que fenece
 No reino da seca Ádem, que confina
 Com a serra d’Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos céus se não deriva.

“Olha as Arábias três, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vaga e baça,
 Donde vêm os cavalos pera a guerra,
 Ligeiros e feroces, de alta raça;
 Olha a costa que corre, até que cera
 Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça
 O Cabo que co nome se apelida
 Da cidade Fartaque, ali sabida.

“Olha Dófar, insigne porque manda
 O mais cheiroso incenso pera as aras;

Mas atenta: já cá destoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras que inda serão claras
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castelbranco nua a espada.

102

“Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão, dos navegantes;
Por aqui entra o lago que é fechado
De Arábia e Pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
A cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tígris e Eufrates ùa entrada.

103

“Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,

Ela o nome depois e a glória teve.

104

“Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos Portugueses,
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra, à força só de espada.

105

“Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dões usados dela;
Carmânia teve já por apelido.
Mas vê o fermoso Indo, que daquela
Altura nace, junto à qual, também
Doutra altura correndo o Gange vem?

106

“Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,

E de Jáquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê, riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

107

“Vês corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

108

“As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas

Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

109

“Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os Ídolos antigos adorava
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se pubrica,
Tomé vinha prègando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

110

“Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças d’ homens, de engenhos, de alifantes.

111

“Era tão grande o peso do madeiro
Que, só pera abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e fàcilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112

“Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assi lho ensinou Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoraçada;
Os Brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

113

“São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,

Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.

114

“Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar pera o Padre onnipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

115

“O corpo morto manda ser trazido,
Que res[s]ucite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

116

“Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

117

“Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído.
(Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido);
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por faltar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

118

“Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.

Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus Lusitanos favoreças.

119

“E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa Fé?
Olhai que, se sois Sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?

120

“Mas passo esta matéria perigosa
E tornemos à costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangética enseada;
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá, de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

“Ganges, no qual os seus habitantes
 Morrem banhados, tendo por certeza
 Que, inda que sejam grandes pecadores,
 Esta água santa os lava e dá pureza.
 Vê Catigão, cidade das melhores
 De Bengala província, que se preza
 De abundante. Mas olha que está posta
 Pera o Austro, daqui virada, a costa.

“Olha o reino Arracão; olha o assento
 De Pegu, que já monstros povoaram,
 Monstros filhos do feio ajuntamento
 Dũa mulher e um cão, que sós se acharam.
 Aqui soante arame no instrumento
 Da geração costumam, o que usaram
 Por manha da Rainha que, inventando
 Tal uso, deitou fora o error nefando.

“Olha Tavai cidade, onde começa
 De Sião largo o império tão comprido;

Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

124

“Dizem que desta terra co as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d’antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Quersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d’ouro que a terra produziu,
‘Aurea’, por epíteto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.

125

“Mas, na ponta da terra, Cingapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama

Do grande lago que Chiamai se chama.

126

Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

127

“Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d’ outro só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória têm, depois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

128

“Este receberá, plácido e brando,

No seu regaço os Cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonora
Será mais afamada que ditosa.

129

“Vês, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.

130

“Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o Rei que têm, não foi nacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,

Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

131

“Inda outra muita terra se te esconde
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as Ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nace a prata fina,
Que ilustrada será co a Lei divina.

132

“Olha cá pelos mares do Oriente
Às infinitas Ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue Português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca à terra e só mortas aparecem.

133

“Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
Às aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.

134

“Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutarífico e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que ùa banda
Esconde pera o Sul dificultoso;
A gente do Sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

135

“Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
- Cheiroso, mais que quanto estila a filha

De Ciniras na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

136

“Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pegada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

137

“Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, co amaro aloé famosa;
Outras ilhas, no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.

138

“Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente,
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

139

“Vedes a grande terra que continua
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.
Varias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

140

“Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também, co pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.

Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade.

141

“Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Düa estatura quási giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito que se arreia
Co nome dele agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

142

“Até‘ aqui Portugueses concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
As eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

“Podeis-vos embarcar, que tendes vento
 E mar tranquilo, pera a pátria amada.”
 Assi lhe disse; e logo movimento
 Fazem da Ilha alegre e namorada.
 Levam refresco e nobre mantimento;
 Levam a companhia desejada
 Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
 Por mais tempo que o Sol o mundo aquece.

Assi foram cortando o mar sereno,
 Com vento sempre manso e nunca irado,
 Até que houveram vista do terreno
 Em que naceram, sempre desejado.
 Entraram pela foz do Tejo ameno,
 E à sua pátria e Rei temido e amado
 O prémio e glória dão por que mandou,
 E com títulos novos se ilustrou.

Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
 Destemperada e a voz enrouquecida,
 E não do canto, mas de ver que venho

Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Düa austera, apagada e vil tristeza.

146

E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledó orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter pera trabalhos ledó o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes.

147

Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a pexes, ao profundo.

Por vos servir, a tudo aparelhados;
 De vós tão longe, sempre obedientes;
 A quaisquer vossos ásperos mandados,
 Sem dar reposta, prontos e contentes.
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demónios infernais, negros e ardentes,
 Cometerão convosco, e não duvido
 Que vencedor vos façam, não vencido.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença e leda humanidade;
 De rigorosas leis desalivai-os,
 Que assi se abre o caminho à santidade.
 Os mais exprimentados levantai-os,
 Se, com a experiência, têm bondade
 Pera vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus ofícios,
 Segundo têm das vidas o talento;

Tenham Religiosos exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

151

Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não sòmente a Lei de cima,
Mas inda vosso Império preminente.
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

152

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só d'experimentados
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe.

Mais em particular o experto sabe.

153

De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

154

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Tem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

155

Pera servir-vos, braço às armas feito,

Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a pres[s]aga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

156

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja.